

VANESKA TACIANA VITTI

JOVENS KAMAIURÁ NO SÉCULO XXI

CIÊNCIAS SOCIAIS

PUC-SP

2005

VANESKA TACIANA VITTI

JOVENS KAMAIURÁ NO SÉCULO XXI

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM CIÊNCIAS SOCIAIS (ANTROPOLOGIA), sob a orientação da Professora Doutora Carmen Sylvia de Alvarenga Junqueira.

CIÊNCIAS SOCIAIS

PUC-SP

2005

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carmen Sylvia de Alvarenga Junqueira -
orientadora

PARA CARMEN JUNQUEIRA

AGRADECIMENTOS

A Carmen Junqueira, minha orientadora, pela generosidade, pelo aprendizado durante nossa viagem em julho de 2005 aos Kamaiurá; por todo carinho, dedicação e atenção indispensáveis para a realização desta dissertação;

A Betty Mindlin pelas sugestões no Exame de Qualificação e pela nossa viagem em julho de 2005 aos Kamaiurá;

Ao professor Rinaldo Arruda pelas sugestões no Exame de Qualificação;

Aos Kamaiurá pela hospitalidade e carinho com que me receberam, gostaria de agradecer algumas pessoas em especial: ao meu "pai" Takumã, aos meus "irmãozinhos" Kotok e Mapulu, as "minhas cunhadas" Kaiti, Tuhun e Kamihá, aos "meus sobrinhos" Mapualu, Katão, Titico, Kumaru, Raquel, Juruká, Tati, Samu, Iraia, Rosana e Bambu, e aos amigos Trauin, Matariwá, Tupi, Kanuí;

A minha mãe Ângela, por estar presente em todos os momentos, sempre me incentivando;

A Andreia Duarte pela amizade e cumplicidade;

Aos amigos: Edmilson Felipe, Larissa, Nair, Aline, Sandra, Iá e Vanessa pela amizade e pelas dádivas trocadas; à Odete pela torcida;

Ao Pião e à Tatá pela companhia durante o mês de agosto;

Ao pessoal do CTI de São Paulo (Inês, Bernadette e Thiago);

Ao CNPq pela bolsa de estudos;

RESUMO

Os Kamaiurá têm contatos regulares com Canarana, fundada em dezembro de 1979, com 90% da população de origem gaúcha, atraída para a região por Projetos de Colonização em meados da década de setenta.

Pretende-se, nesta dissertação, investigar a frequência das visitas dos Kamaiurá a Canarana. De modo geral são os jovens que mais freqüentam a cidade e diante disso, decidimos estudá-los, com o intuito de verificar que tipo de mudança os afeta ao ficarem expostos a estímulos inerentes à vida na cidade. Como reagem aos estímulos e como organizam e acomodam na aldeia informações, valores e bens que adquirem nessas viagens.

A metodologia se baseou em observações obtidas durante as viagens à cidade de Canarana e à aldeia Kamaiurá de Ipavu. Incluiu a leitura sistemática de obras relacionadas ao objetivo apresentado. Na aldeia, além da observação, entrevistamos jovens e seus respectivos pais com o objetivo de aquilatar o comprometimento da nova geração com os objetivos idealizados pelos mais velhos, captar possíveis oposições e rebeldias, verificar como é o comportamento desses jovens na aldeia e registrar o diálogo que estabelecem entre costumes antigos e atuais.

ABSTRACT

The Kamaiurá Indians has a regular contact with Canarana town, founded in December 1979 wherever 90% of the population is originate from the South of Brazil (the gauchos). The gauchos were attracted to there in the middle 70's by a Colonization Project.

This dissertation addresses to underlying the frequency of the Kamaiurá visits to Canarana town. In general, the youth are whose use to visit the town. Facing that evidence, we focused our research in the youth Kamaiurá, intending to verify which kind of change affect those exposed to the city lifestyle attractions and stimulations. Therefore, willing to comprehend the youth Kamaiurá reactions face the city life stimulations, we intend to analyze how they organize themselves and absorb those information's, values and symbolic goods acquired in those trips to the town.

Our study methodology is based on field and empiric observation, obtained during our travel to Canarana town and to the Kamaiurá village at Ipavu. It also surveys in systematic research in academics works related to our objectives.

In the village, apart the fieldwork observation technique, we interviewed youth and their respective parents, trying to provide a framework within which sheds light on the new generation commitment with the goals and achievements idealized from the elders. Furthermore, we might be able to enlightening possible oppositions and rebellious attitudes, also verifying the youth behavior in the village, recording the dialogues speeches that connect old costumes with new ones.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	pg 13
CAP I - FLUXOS MIGRATÓRIOS E A FORMAÇÃO DE CANARANA	pg 25
CAP II - INDÍGENAS EM CANARANA	pg 52
CAP III - VIDA EM ALDEIA E A EXPERIÊNCIA URBANA	pg 67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	pg 112
DOCUMENTOS PESQUISADOS	pg 117
VÍDEOS	pg 117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	pg 118

RELAÇÃO DE MAPAS E FIGURAS

Mapa 1 - Localização do estado de Mato Grosso, do Parque Indígena do Xingu e do município de Canarana	pg 30
Mapa 2 - Região dos Formadores do Xingu - Ocupação do Entorno do Parque Indígena do Xingu no período 1950-1980	pg 31
Mapa 3 - Região dos Formadores do Xingu - Atividades Econômicas Predominantes e Desmatamento	pg 47
Mapa 4 - Desmatamento até 1994 na Bacia do rio Xingu	pg 48
Mapa 5 - Parque Indígena do Xingu, Entorno, e localização da aldeia Kamaiurá de Ipavu	pg 70
Figura 1 - Desenho Esquemático da aldeia Kamaiurá de Ipavu	pg 71

RELAÇÃO DE FOTOS

Foto 1 - Entrada da cidade	pg 37
Foto 2 - Avenidas largas de Canarana	pg 38
Foto 3 - Praça do Avião	pg 38
Foto 4 - Monumento em homenagem aos gaúchos	pg 39
Foto 5 - Vista aérea de Canarana - centro	pg 40
Foto 6 - Vista aérea de Canarana - periferia	pg 40
Foto 7 - Plantação de soja	pg 49
Foto 8 - Plantação de soja	pg 50
Foto 9 - Parque Indígena do Xingu - Rio Kuluene	pg 68
Foto 10 - Parque Indígena do Xingu - Posto Indígena Leonardo	pg 68
Foto 11 - Vista aérea aldeia Kamaiurá de Ipavu - cedida pela Associação Indígena Mavutsinin	pg 69
Foto 12 - Detalhe de uma casa xinguana	pg 72
Foto 13 - Tvs ligadas ao mesmo tempo	pg 80
Foto 14 - Menina reclusa saindo para dançar Takwara	pg 98
Foto 15 - Iraia, reclusa	pg 99
Foto 16 - Escola Mawaiaka	pg 104
Foto 17 - Escola Mawaiaka	pg 105
Foto 18 - Escola de Cultura Mawaiaka - Aula de Flauta Kurutaí	pg 107
Foto 19 - Escola de Cultura Mawaiaka - Aula de Canto e dança feminino	pg 107
Foto 20 - Festa Takwara	pg 109
Foto 21 - Festa Takwara	pg 110
Foto 22 - Moças dançando Iamurikumã	pg 111

Foto 23 - Moças dançando Iamurikumã pg 111

Obs: As fotos contidas neste trabalho são de Vaneska Taciana Vitti, com exceção da foto da vista área da Aldeia Kamaiurá de Ipavu cedida pela Associação Indígena Mavutsinin

RELAÇÃO DE SIGLAS

AIM - Associação Indígena Mavutsinin

ATIX - Associação Terra Indígena do Xingu

COOPERCOL - Cooperativa de Colonização 31 de março

DSEI - Distrito Sanitário Especial Indígena

EPM - Escola Paulista de Medicina

ERX - Expedição Roncador Xingu

FAB - Força Aérea Brasileira

FBC - Fundação Brasil Central

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

FUNASA - Fundação Nacional de Saúde

ISA - Instituto Socioambiental

MT - Mato Grosso

PIN Leonardo - Posto Indígena Leonardo

PIN - Projeto de Integração Nacional

PIX - Parque Indígena do Xingu

PNX - Parque Nacional do Xingu

SUDECO - Superintendência de Desenvolvimento do Centro - Oeste

UFMT - Universidade Federal do Mato Grosso

INTRODUÇÃO

Canarana (MT) é uma cidade pequena com 17.000¹ habitantes. A maioria da população é de origem gaúcha, atraída, em meados de 1970, por projetos de colonização. A economia do município é quase toda baseada na produção agrícola e pecuária. Atualmente, Canarana vem se destacando no cenário nacional como um dos grandes pólos produtores de soja do estado do Mato Grosso, além de ser a porta de entrada para o Parque Indígena do Xingu.

Dentre os moradores da cidade 90% são gaúchos ou descendentes diretos dos colonos que chegaram à região na década de setenta, atraídos pela possibilidade de adquirir lotes de terra e se tornarem produtores rurais. Os colonos que migraram para a região eram, em sua grande maioria, trabalhadores rurais desempregados que viam nos projetos de colonização a solução de seus problemas.

Canarana é também um dos muitos exemplos que ilustram as situações sofridas pelos índios numa sociedade que os vê apenas como um impedimento ao progresso e ignora sua presença quando realiza obras de integração ou desenvolvimento nacional.

Os Kamaiurá, povo de língua tupi-guarani, habitam o Parque Indígena do Xingu, distribuídos em duas aldeias: Ipavu e Morená. Atualmente a população Kamaiurá da aldeia de Ipavu, foco do trabalho, é de 260² pessoas. Eles têm

¹ Dados do Censo de 2000.

² Fonte: Agente de saúde Trauin Kamaiurá.

contatos regulares com Canarana, facilitados pela proximidade entre cidade e aldeia³.

Canarana foi fundada em 29 de dezembro de 1979, sendo, portanto, mais antiga que as constantes viagens dos Kamaiurá, cujos deslocamentos se tornaram freqüentes a partir do momento em que adquiriram motor de popa, gerador, caminhão e trator e, conseqüentemente, tiveram necessidade de obter recursos para manutenção, combustível e reparo desses bens; e quando também passaram a ter formas de obter recursos para pagar o preço alto da viagem.

De modo geral, são os jovens Kamaiurá que mais freqüentam Canarana, seja por interesses pessoais ou porque a cidade concentra bases de projetos e serviços⁴ que envolvem os povos xinguanos. Diante disso, elegemos como foco de pesquisa os jovens Kamaiurá, com o intuito de verificar que tipo de mudança os afeta ao ficarem expostos a estímulos inerentes à vida na cidade. Como reagem a esses estímulos e como organizam e acomodam, na aldeia, informações, valores e bens que adquirem nessas viagens.

Homens e mulheres adultos também vão a Canarana, mas como estão inseridos de forma mais sólida na estrutura comunitária, presume-se que sejam menos atraídos pela vida urbana.

Para orientar observação e análise, buscamos apoio nos estudos de vários antropólogos, dos quais destacamos apenas três. Georges Balandier, em *As Dinâmicas Sociais* (1976), oferece reflexões sugestivas sobre pressões externas que atuam como mecanismos potentes de mudança em comunidades tradicionais.

³ Há duas alternativas para chegar à cidade: táxi – aéreo (cinquenta minutos) ou barco (seis horas), mais três horas em estrada secundária.

⁴ Por exemplo: Programa Xingu do Instituto Socioambiental e o DSEI (Distrito de saúde especial indígena) do Xingu.

Em *A desordem: elogio do movimento* (1997), Balandier mostra como a tradição identifica os espaços culturais onde a desordem procura se insinuar e atua no sentido de obter controle sobre seu movimento. Em *O enigma do dom* (2001), de Maurice Godelier encontramos uma análise instigante sobre a dádiva, base de sustentação das relações comunitárias, e o domínio do sagrado que pode vir destruído pela penetração do dinheiro. Guilherme Bonfil Battala em *México profundo - una civilizacion negada* (1989), ao estudar o panorama sócio-cultural do México mostra que o olhar que se dirige para além do comportamento explícito pode alcançar raízes que sustentam valores culturais básicos, ainda que silenciados.

A realização do trabalho se apoiou nas observações obtidas em quatro viagens à cidade de Canarana e à aldeia Kamaiurá de Ipavu, realizadas em janeiro, fevereiro e agosto de 2004, fevereiro e julho de 2005, e na consulta a documentos como cartas, relatórios e projetos sob custódia do Arquivo Nacional de Brasília. Incluiu ainda a leitura de autores que forneciam uma visão global da formação do Parque Indígena do Xingu, dos povos indígenas, especificamente os Kamaiurá, e problemas relativos às políticas indigenistas no Brasil. Envolveu também conversas com pessoas que conhecem Canarana e que repassaram informações importantes, como Jailton Nascimento (que trabalhava no Departamento de Medicina Preventiva da EPM - Escola Paulista de Medicina), Maria Cristina Troncarelli (Coordenadora do Programa de Formação de Professores no Xingu do Instituto Socioambiental), Rosely Sanches (Bióloga do Programa Xingu do Instituto Socioambiental) e Andréia Figueiredo (Indigenista e Professora da Escola Mawaiaka - Aldeia Ipavu). Por meio deles, definimos quem seriam os entrevistados em Canarana: moradores, prefeito, secretária de

agricultura, comerciantes, filhos de colonos fundadores, diretores de escola, entre outros, que contribuíram para entendermos o modo de vida na cidade e os padrões de comportamento de seus moradores.

Na aldeia Kamaiurá, além da observação, entrevistamos jovens e seus respectivos pais com o objetivo de aquilatar o comprometimento da nova geração com os objetivos idealizados pelos mais velhos, captar possíveis oposições e rebeldias, verificar como é o comportamento desses jovens na aldeia e registrar o diálogo que estabelecem entre costumes antigos e atuais.

No capítulo I, apresentamos os antecedentes do processo de colonização na região que culminaram na criação do Parque Indígena do Xingu, na formação de Canarana e nos fluxos migratórios. No capítulo II focalizamos as populações indígenas na cidade e a sociabilidade que ali se constrói. No capítulo III, apresentamos um breve relato da vida na aldeia, tecendo comparações sobre a relação cidade X aldeia e seus efeitos na vida do povo Kamaiurá.

Realizei quatro viagens de campo à cidade de Canarana e à aldeia Kamaiurá, assim distribuídas:

Primeira viagem (sete de janeiro a quinze de fevereiro de 2004).

Saí de São Paulo no dia sete de janeiro de 2004 e, no dia seguinte, oito de janeiro, embarquei em Brasília, rumo a Canarana. Chovia muito, aliás, a chuva não deu trégua a viagem inteira. Por pura ansiedade não consegui dormir a viagem toda, que durou em torno de quatorze horas. No dia nove de janeiro (sexta-feira), por volta das 11:30h eu estava pisando o solo canaranense.

Deixei a mala no hotel e fui dar uma volta, com o objetivo de almoçar e fazer um prévio reconhecimento do local. A primeira impressão não foi das

melhores, me senti em uma cidade vazia, ainda mais porque cheguei no horário do almoço, entre as 11:30 e 13:00 horas, período em que a maioria dos estabelecimentos comerciais fecham.

Agendei a chegada para sexta-feira propositalmente, visando aproveitar o final de semana para descansar e conversar com algumas pessoas, o que me permitiria familiarizar com o estilo de vida na cidade.

Logo de início, notei que colher material sobre preconceito com relação aos índios seria uma tarefa fácil, pois assim que deixei a mala no hotel e estava saindo para almoçar a proprietária me perguntou: "Você trabalha com índio"? Respondi de imediato que não, que minha presença na cidade se devia à realização de uma pesquisa sobre o desenvolvimento econômico da região. Ela olhou para mim aliviada, esclarecendo que "odeia índio e não quer conversa com esse tipo de gente"; afirmou também que, caso um índio procurasse hospedagem em seu hotel, mesmo que estivesse vazio, ela negaria, alegando a inexistência de vaga.

Durante a semana seguinte comecei as entrevistas com: prefeito, secretária de agricultura, colonos pioneiros e índios residentes ou em trânsito na cidade. A facilidade para entrevistar pessoas ligadas à administração municipal se deu pelo fato de um entrevistado ir indicando outro.

Conforme combinado anteriormente com os Kamaiurá quando da participação deles em agosto de 2003 num festival em São Bernardo do Campo, eu pegaria carona com eles de Canarana até a aldeia.

Os Kamaiurá chegaram em Canarana no dia dezoito de janeiro. Passamos uma semana na cidade porque eles estavam em reuniões para rescindir o convênio da saúde com a Escola Paulista de Medicina. Durante essa semana fiquei o tempo

todo ao lado deles, ficamos hospedados no mesmo hotel, almoçávamos juntos e passeávamos pela cidade. Desse contato inicial brotou, de minha parte, uma enorme simpatia por eles.

Minha inserção na aldeia ocorreu com base na reciprocidade. Foi estabelecido que eu poderia entrar na aldeia desde que ajudasse na Escola Mawaiaka repassando a ela os dados coletados em Canarana, e que colaborasse com a Associação Indígena Mavutsinin escrevendo projetos e relatórios. Desse trabalho, nasceram dois projetos: Projeto de Gravação de um CD, e o Projeto de Ecoturismo, ambos por solicitação das lideranças:

- Projeto de Gravação de um CD - cujo objetivo contempla a gravação de um CD com as músicas tradicionais Kamaiurá. Os mais velhos temem que a cultura musical se perca, pelo fato da maioria dos jovens não conhecerem apropriadamente as músicas.
- Projeto de Ecoturismo - através do qual pretende-se implantar programas voltados ao turismo na aldeia. A última informação que tive do Projeto é que foi encaminhado ao presidente da FUNAI para aprovação. O objetivo deste projeto é gerar renda para a comunidade.

No dia vinte e quatro, eu senti a forte emoção de finalmente seguir para a aldeia, mesmo porque, desde a época da minha Iniciação Científica eu desejava conhecer a aldeia Kamaiurá no Parque Indígena do Xingu.

A viagem aconteceu num domingo, vinte e cinco de janeiro de 2004. Devido ao clima chuvoso, que impossibilitou a viagem de barco, fomos de avião.

Sobrevoamos Canarana, as plantações de soja, pastos de pecuária, sendo a última vista da cidade o porto da Fazenda Saionara, sobre o Rio Kuluene. A partir de então, avistamos uma paisagem diferente, repleta de rios e matas. Finalmente sobrevoamos o Parque Indígena do Xingu.

A emoção da chegada foi muito forte. O lugar, lindo demais! Banhada pela Lagoa de Ipavu, a paisagem é de difícil descrição, completamente encantadora. Quando cheguei vieram várias pessoas ajudar a carregar nossa bagagem. Fui informada que ficaria hospedada na casa do cacique. Deixei as malas no jirau que já estava separado para acomodar minhas coisas. Uma das mulheres amarrou a minha rede e logo fui conhecer o local na companhia de mulheres e crianças. Não resisti, depois de quinze minutos estava nadando na lagoa.

Nos primeiros dias fiquei um pouco sem saber como agir, talvez por vergonha ou medo de cometer alguma gafe imperdoável. Eu me encontrava num estado de espírito que mesclava emoção e encantamento, e uma espécie de "medo do desconhecido". Questionava sobre como seria a experiência prática da vida no local, como os índios se relacionariam com os visitantes etc.

Recebi de imediato o apoio da professora Andréia Duarte, que me informou sobre questões práticas, como local onde lavar roupas, banhar-se etc. Logo me acostumei com a vida na aldeia, porque fui muito bem recebida por todos. Durante todo o período em que realizei minha pesquisa, participei de todas as atividades: fui à roça com as mulheres, descasquei mandioca para preparar o polvilho para fazer beiju e até joguei futebol no final da tarde. Fiz moitará⁵ com todos. Apenas cometi um equívoco relativo às regras de reciprocidade, ao não levar presentes

⁵ Ritual que consiste na troca formalizada de bens entre aldeias e entre famílias.

suficientes para mais pessoas. Mas, entenderam que, por ser a minha primeira vez, eu não sabia a quantidade e o que levar.

Já de volta a Canarana, passei quatro dias na cidade para visitar o Centro de Cultura e a Casa de Saúde, que são locais que prestam assistência aos povos indígenas.

Segunda viagem (de vinte e sete de julho a dois de setembro de 2004)

Como na outra viagem, saí de São Paulo, de ônibus, no dia vinte e sete de julho rumo a Brasília, do onde parti para Canarana no dia vinte e oito de julho. Quando cheguei em Canarana os Kamaiurá já estavam na cidade e ali permanecemos cerca de quatro dias. Nesse tempo eu os acompanhei nas compras de material para o kwarup e para o projeto Awawo Jamena Ko - A roça dos jovens.

Fiquei hospedada no mesmo lugar e à noite ficávamos em frente ao hotel conversando sobre diversos assuntos; em uma das noites fui com os rapazes jogar sinuca. Resolvi que faria as entrevistas com os moradores de Canarana no meu retorno.

Desta vez fomos à aldeia de modo diferente. Saímos de Canarana por volta das 4:30 h da manhã e fomos de caminhão de frete até a beira do rio Kuluene. O trajeto durou por volta de três horas (além da distância, a estrada é mal conservada pela prefeitura) e quando chegamos na beira do rio a voadeira já estava nos esperando.

A viagem, apesar de cansativa, foi muito bonita; paramos em uma praia de rio para tomar banho e pegar tracajá (tartaruga de água doce). Após seis horas

de viagem chegamos ao Posto Indígena Leonardo, onde ficamos esperando o caminhão dos Kamaiurá. Trinta minutos depois, estávamos na aldeia.

Foi ótimo estar de volta à aldeia, rever pessoas queridas e, sobretudo, desfrutar do clima mágico que se estabelece quando se aproxima o kwarup. Descrever o kwarup mereceria um capítulo à parte, mas me contento em dizer que esta viagem foi mais emocionante que a anterior, pois pude participar e assistir aos preparativos finais do Kwarup (pescaria, ensaio das danças, tocadores de uruá etc).

Já de volta a Canarana, entrevistei mais pessoas: colonos pioneiros (entre eles a primeira professora de Canarana e o tratorista que abriu as primeiras ruas da cidade), alguns índios que trabalham na cidade, em especial os que trabalham como funcionários da FUNAI, entre outros.

Terceira viagem (onze de fevereiro a três de março de 2005)

Saí de São Paulo no dia onze de fevereiro e, para ganhar um pouco de tempo, fui de avião até Goiânia. No dia onze, à noite, peguei o ônibus para Canarana. Às 11:00 h do dia doze de fevereiro eu estava chegando na cidade, fiz as compras necessárias e a noite segui para a aldeia.

Fui de carona até a beira do rio Kuluene. Chovia muito e a viagem demorou cerca de cinco horas. Cheguei na beira do rio por volta de meia noite, encontrei-me com os Kamaiurá e pegamos uma voadeira até uma pousada onde eles estavam hospedados. Que medo eu senti em pegar a voadeira de madrugada! Caía uma chuva fina e a noite estava escura.

Ficamos na pousada até clarear o dia. Por volta das 5:00 h começamos a descer o rio Kuluene, fazia muito frio e um chuveiro persistiu praticamente a

viagem toda. Chegamos na aldeia no dia treze, por volta das 14:00 h. Muito gratificante a sensação de estar de volta à aldeia, reencontrando os conhecidos e, principalmente, ser tão bem acolhida pelas pessoas que, imediatamente, vieram me cumprimentar.

Tive uma longa conversa com o cacique Kotok Kamaiurá a respeito da minha pesquisa, e ele autorizou que eu escrevesse sobre os Kamaiurá na dissertação. Após a conversa me senti bastante aliviada, pois foi um voto de confiança a autorização para que eu escrevesse sobre eles. Disse-me que considerava importante que as pessoas escrevessem coisas boas e verdadeiras sobre os índios, coisas que mostrassem aos outros como é a cultura e como os índios vivem. Quando lhe falei sobre a minha pesquisa e sobre Canarana ele informou que, realmente, as pessoas de lá não gostam dos índios.

Após quinze dias na aldeia voltei para Canarana. A cidade estava de luto, havia falecido Arlindo Schwantes (irmão do pastor luterano Norberto Schwantes - idealizador do projeto de colonização Canarana). Durante os dias que passei na cidade, entrevistei as diretoras das escolas onde os jovens xinguanos estudam, fui até o Centro de Cultura e entrevistei alguns índios.

Quarta viagem (quatro a vinte de julho de 2005)

Sáimos de São Paulo (Carmen Junqueira, Betty Mindlin, e eu) no dia quatro de julho; fomos de avião até Goiânia e no mesmo dia pegamos o ônibus para Canarana.

Chegamos na cidade no dia cinco de julho logo pela manhã. Deixamos as malas no hotel e fomos fazer compras para nossa estadia na aldeia. Na saída do

supermercado encontramos Titico, Trauin e Maiku (Kamaiurá), que vieram nos buscar de voadeira.

No dia seguinte, seis de julho, por volta das seis horas da manhã, pegamos o frete até a beira do Rio Kuluene, distribuímos as bagagens na voadeira e começamos a descida.

Correu tudo bem durante duas horas de viagem, até que paramos numa praia para comer um lanche, e o motor parou de funcionar. Titico tentou arrumá-lo, mas todas as tentativas foram inúteis. Puxamos o barco para a areia, sentamos numa sombra e ficamos esperando socorro que tanto podia aparecer logo, como no dia seguinte. Os rapazes foram pescar.

Já estávamos achando que iríamos passar a noite na praia quando, para nossa sorte, passou uma voadeira com pessoas Kuikuro, que nos prestaram socorro e rebocaram nosso barco até a aldeia deles. Após muita conversa, resolvemos continuar descendo o rio, com barco e motor emprestado por um rapaz Kuikuro, embora já fossem oito horas da noite.

Trocamos as bagagens de barco e recomeçamos a descida, fazia muito frio, a noite estava escura, pegamos um pouco de chuva; após cinco horas de viagem chegamos ao porto dos Yawalapiti. Para não acordar o cacique Aritana dormimos ali mesmo. Éramos seis pessoas e os índios Kamaiurá não tinham rede para dormir. Empréstamos nossas redes a eles que dormiram perto do fogo, e nós três (Carmen, Betty e eu) dormimos em sacos de dormir, em uma balsa ancorada no porto.

Na manhã seguinte os rapazes foram chamar o cacique, que prontamente veio nos buscar e nos levou até a aldeia Kamaiurá. Finalmente chegava ao fim a epopéia da ida.

Maravilhosa é a sensação de chegar na aldeia depois de uma viagem tão cansativa e rever pessoas queridas. A aldeia continuava, como sempre, linda.

Durante os onze dias de estadia, conheci e conversei com novas pessoas, visitei todas as casas, coisa que eu ainda não havia feito. Senti que dessa vez a pesquisa rendeu bons resultados, entrevistei os jovens (moças e rapazes) e seus familiares.

CAP I - FLUXOS MIGRATÓRIOS E A FORMAÇÃO DE CANARANA

Até a década de 1940, pode-se dizer que o estado de Mato Grosso era alvo de atividades de exploração e não de povoação ou fixação do homem na terra. Após esse período, a área acolheu uma frente de ocupação através da Marcha para o Oeste, conhecida e denominada de "Expedição Roncador Xingu". A Expedição foi organizada pelo Ministro João Alberto de Lins Barros e chefiada pelo Coronel Flaviano de Matos Vanick.

(...) partirá uma grande expedição para a Serra do Roncador, rumo às cabeceiras do rio Xingu, abrindo, pelo interior, o caminho que ligará a Amazônia ao resto do país. Leva essa expedição, que será comandada pelo coronel Flaviano Vanique, outras missões, de povoamento, de colonização, de exploração das riquezas naturais e das possibilidades de vida nesse pedaço enorme, que é a maior área desconhecida do mundo, mais desconhecida, mesmo, que as próprias zonas vizinhas ao Himalaia (...)⁶.

A Marcha para o Oeste saiu de Leopoldina (Goiás), com a intenção de chegar ao Rio das Mortes e fundar um estabelecimento, marco da colonização. Depois, atravessaria a Serra do Roncador e ali construiria um campo de pouso. À medida que fosse adentrando, deveria abrir caminhos e construir acampamentos nas áreas por onde passasse.

⁶ Trechos da entrevista do ministro João Alberto Lins de Barros, Coordenador da Mobilização Econômica, (órgão criado por ocasião da Segunda Guerra), publicada no jornal "O Estado de São Paulo", 4 de junho de 1943.

Às três horas da tarde do dia 12 de junho de 1954, acompanhados por dezesseis homens que compõem a vanguarda, atravessamos, em canoas, o rio das Mortes, para reiniciar a marcha da Expedição, que tinha o rio Tapajós como o seu objetivo mais remoto. (Villas Boas, 1994, p. 53)

A Marcha foi liderada pelos irmãos Villas Boas. Tinha objetivos definidos: rastrear as riquezas da região, povoar, colonizar e explorar a região centro-oeste, até então desconhecida. Possibilitou, além do contato pacífico com as populações indígenas, o início do processo de colonização da região. Os números da expedição foram os seguintes: 1.550 Km de picadas abertas, 1.000 Km de rios percorridos, 43 vilas e cidades nascidas no roteiro da marcha, 19 campos de pouso e 5.000 índios contatados. (Souza, 1994, p. 18)

Os irmãos Villas Boas, decidiram pela permanência nos postos por eles fundados, dando início a um trabalho de proteção aos índios da área. O objetivo não era civilizar e nem integrar o índio à sociedade brasileira, mas garantir a sua sobrevivência. Entretanto, o fato deles se instalarem nos postos de assistência não assegurava a sobrevivência dos índios. Era preciso fazer mais, pois a sociedade brasileira, além de abrir espaço para o extermínio desses povos, infiltrava-se na malha social das aldeias, colocando os índios em contato com o modelo social do moderno capitalismo e acarretando a perda da referência identitária, além de não oferecer condições biológicas, culturais e materiais para a sua sobrevivência (Menezes: 2000).

Nesse período ocorreu a criação do Parque Nacional do Xingu, com finalidade de preservação ambiental e manutenção das relações intertribais entre

os povos da área, o que pressupunha o estabelecimento de uma extensão territorial bem maior do que de costume, no tocante ao procedimento de demarcação de áreas indígenas.(Menezes: 2000 p. 304)

Em 14 de abril de 1961, por meio do Decreto Lei Nº 50.555, o presidente Jânio Quadros criou o Parque Nacional do Xingu, com uma área de 32.000 Km, ao norte do Estado de Mato Grosso, ao longo do curso inicial do Rio Xingu, desde a região de seus formadores, ao sul, até a cachoeira Von Martius, ao norte, nos limites com o Estado do Pará. Foi através do Decreto Nº 82.263, de 13 de setembro de 1978, que o Parque passou a ser denominado Parque Indígena do Xingu. A administração do Parque foi dada a Orlando Villas Boas, que continuou o trabalho iniciado na década de 1950, de controle e administração da área.

São vários os trabalhos⁷ publicados sobre a ocupação do leste de Mato Grosso, em especial sobre o primeiro projeto, denominado Projeto Canarana⁸.

Entre os anos de 1964 e 1978, iniciou-se uma nova etapa para a região amazônica, com grandes obras da fase do Milagre Econômico Brasileiro, quando o governo federal implementou o Projeto de Integração Nacional (PIN), que visava oferecer terras sem homens para homens sem terra. (Ianni: 1979). Criou-se, então, uma malha rodoviária e novos projetos agrícolas para assentar populações de lugares distantes. O governo militar pretendia ocupar a Amazônia, preocupado em consolidar sua soberania, removendo contingentes de pessoas de regiões em

⁷ Os trabalhos, em sua grande maioria, são teses e dissertações que abordam temas ligados aos processos de colonização, nas áreas de direito agrário, antropologia e sociologia, entre eles destacamos: Ernesto Dunck “Canarana, um projeto de colonização cooperativista”, Dissertação de Mestrado, UFG, 1997, que discute o projeto de colonização que originou Canarana e traça um panorama das dificuldades enfrentadas pelos colonos. José Vicente Tavares dos Santos “Matuchos: exclusão e luta – do sul para a Amazônia”, Ed. Vozes, 1993, discute os processos de formação de Canarana. Norberto Schwantes “Uma cruz em Terranova”, Ed. Scritta, 1998, apresenta um relato autobiográfico e conta os principais momentos da criação de Canarana.

⁸ Idealizado e executado pelo pastor luterano Norberto Schwantes, que escolheu o nome para a cidade, referente a um capim da Amazônia, e que também lembra Canaã, a terra prometida para os judeus que vivenciaram o êxodo do Egito.

situação crítica e conflituosa, e estimulando a migração de pessoas do Sul, Sudeste, Centro-Oeste e nordeste.

Um fator que teve influência decisiva no processo de colonização foi o desenvolvimento extensivo do capitalismo, que marcou o incremento das relações capitalistas de produção, tanto no extrativismo, como na agricultura e na pecuária. Esse era o cenário no qual estava inserida a política estatal de ocupação, principalmente a colonização dirigida - particular e oficial. Confirma essa premissa a análise dos projetos fundiários e da recente política de colonização no leste do estado de Mato Grosso, consubstanciada nas categorias sociais que se fizeram presentes na região (sulistas), nas práticas econômicas, nas perspectivas de diferenciação interna, social e política (Ianni: 1979).

Os projetos desenvolvidos na região leste de Mato Grosso estão intimamente ligados à Coopercol (Cooperativa de Colonização 31 de março), fundada na cidade de Tenente Portela (RS) no ano de 1971 pelo pastor Norberto Schwantes. A motivação que levou ao deslocamento desses colonos foi a possibilidade de adquirirem maiores extensões de terra, o que permitiria o estabelecimento de seus filhos como pequenos produtores rurais e o aumento do rendimento das unidades de produção. A maioria deles, que tinha menos de 12 ha de terras agricultáveis no sul, passou a ter possibilidade de mecanizar a lavoura no Mato Grosso. Assim, o acesso à modernização da produção, ou seja, à mecanização agrícola, foi um dos principais fatores que estimularam a migração dos colonos.

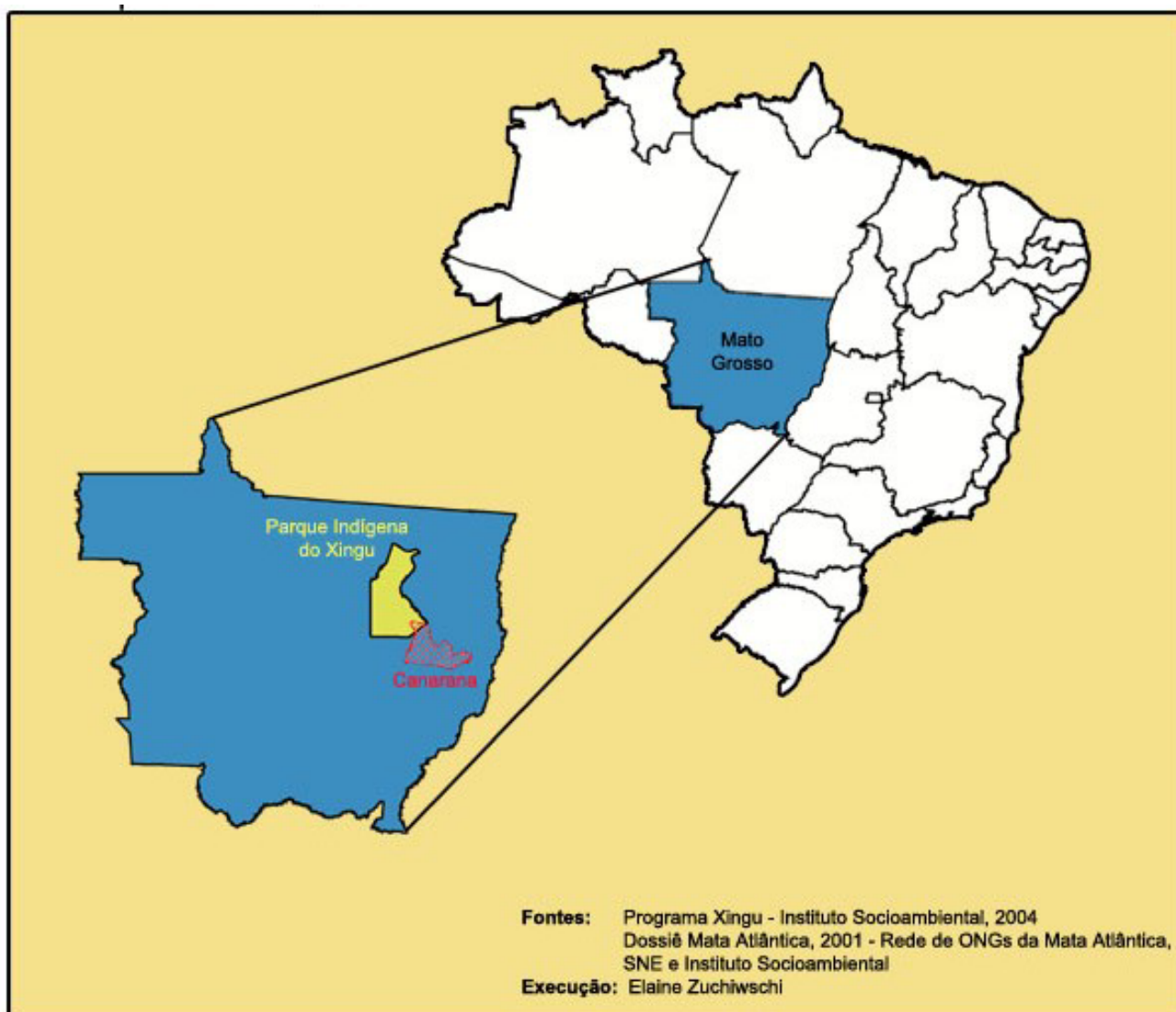
Outro fator determinante dos deslocamentos foi a propaganda maciça da Coopercol, da qual foram alvo os envolvidos no Projeto Canarana. A Cooperativa adquiriu uma estação de rádio e difundindo, em programas diários, cartas de

agricultores que haviam sido transferidos para projetos de colonização. Havia ainda exibição de slides feitos pelos dirigentes da Coopercol, que realizavam viagens regulares aos núcleos de colonização e também transmissão das reuniões via rádio.

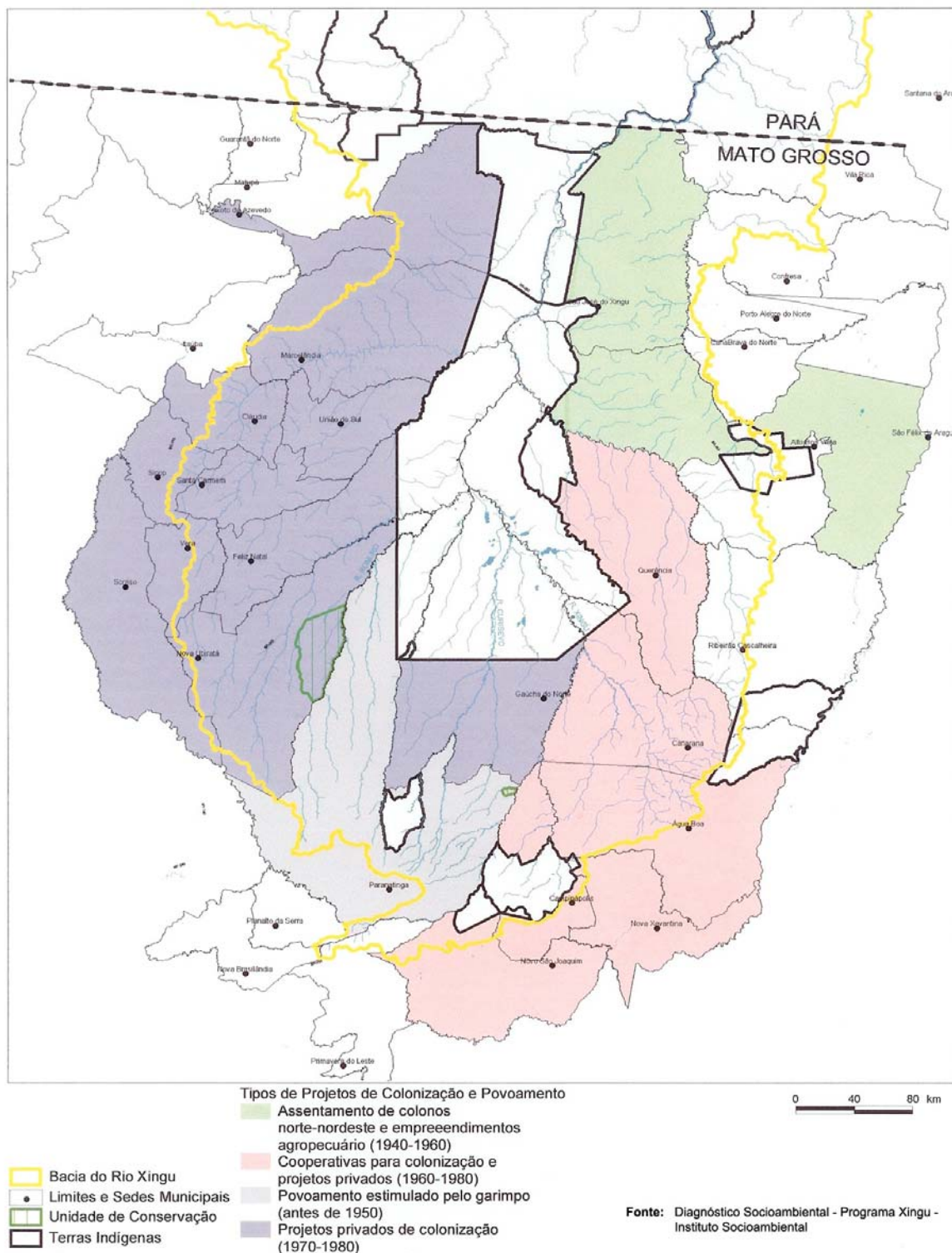
A mensagem divulgada pela Coopercol apregoava que o minifúndio da região sul era o responsável pelo êxodo rural e pela existência de colonos sem terra. Acenava ainda com a idéia de "tempos novos", para os colonos pioneiros que viessem a se estabelecer na região, onde encontrariam abundância, progresso e evolução.

A mensagem de esperança estava de fato alinhada com o interesse de concretizar a ocupação da região. Não ocorria qualquer questionamento sobre a razão da colonização, via de regra, não ocorrer nas áreas de origem dos trabalhadores. Assim, a colonização dirigida distribuiu alguma terra no Mato Grosso e na Amazônia, de modo geral, para não distribuir terra alguma nas demais regiões do país. (Mapa 1 e 2).

Mapa 1 - Localização do estado de Mato Grosso, do Parque Indígena do Xingu e do município de Canarana.



Mapa 2 - Região dos formadores do Xingu - Ocupação do entorno do Parque Indígena do Xingu no período 1950-1980.



A região que compreende atualmente o município de Canarana foi primeiramente povoada na década de 1950, quando a Fundação Brasil Central montou um posto nas proximidades do rio Sete de Setembro, que ficou conhecido como Posto Avançado Garapu, conforme relata Dunck (1997).

No Garapú, além dos rios Kuluene e Sete de setembro, há uma série de córregos que reticulam a área e apresentam condições topográficas de possível aproveitamento, pois partem de cotas médias de altitude de 400 metros, atingindo dois rios principais em pontos de quota de 256 metros a menos. Nestas condições, é viável a captação e distribuição de água na lavoura. Após definido o critério de colonização dessa agro-vila, estabeleceu-se que também esta seria localizada próxima a pontos de abastecimento d'água. Esta agro-vila contava com uma área de 200.000 ha⁹.

A idéia de formação de agrupamentos populacionais ativos (agro-vilas) foi posta em prática pela necessidade dos territórios conquistados exigirem investimentos constantes. As agro-vilas atuaram como elementos de produção agrícola, pastoril ou mistas, dentro de normas racionais e com reais possibilidades de independência.¹⁰

No ano de 1962, começaram os conflitos entre índios Xavante e colonos posseiros que invadiram seu território. Mas o auge dos conflitos se deu entre 1971 e 1972, quando então foi preciso intervenção do governo federal com a

⁹ Projeto Nº 3 da Fundação Brasil Central “Aproveitamento agro-pastoril da zona do vale do Araguaia”, região compreendida entre o Vale dos Sonhos e Garapu. Sem data.

¹⁰ As características para a implantação das agro-vilas são: a condição de que posteriormente possam ser transformadas em sedes de municípios ou, quando não, em distritos. Assim que atingida essa fase, elas passam a adquirir independência político-econômica.. Extraído do Projeto Nº 3 da Fundação Brasil Central “Aproveitamento agro-pastoril da zona do vale do Araguaia”, região compreendida entre o Vale dos Sonhos e Garapú. Sem data.

presença do exército. Com o objetivo de amenizar os conflitos, o governo criou cinco Terras Xavante¹¹, que hoje, estão localizadas no município de Canarana.

No Rio Grande do Sul, agricultores da cidade de Tenente Portela¹² enfrentavam dificuldades graves, devido principalmente ao uso de tecnologia rudimentar, isolamento dos grandes centros, solos de má qualidade para o sustento de famílias numerosas, que tornava árdua a tarefa de garantir a sobrevivência.

Além desse cenário desfavorável, muitos agricultores tinham sido obrigados a sair das terras que ocupavam devido à demarcação de Terras Indígenas na região, pertencentes ao povo Kaingang e Guarani, sendo empurrados para a periferia da cidade, intensificando ainda mais o ódio que nutriam em relação aos índios.

Para viabilizar o processo migratório, criou-se uma cooperativa agrícola em que cada associado contribuiria com uma quota para adquirir lotes de terra. Nascia assim, no ano de 1971, na cidade de Tenente Portela, a COOPERCOL _ Cooperativa de Colonização 31 de março _ fundada e idealizada pelo pastor luterano Norberto Schwantes.

Como a grande maioria dos agricultores interessados na migração eram proprietários de pequenos lotes de terra em Tenente Portela, vendiam seus lotes

¹¹ Aldeias Xavante localizadas no município: Água Branca, Pimentel Barbosa, Tanguro, Ibirã e Caçula, somando um total aproximado de 1.750 índios. As reservas Xavante somam um total de 240.000 ha. (Dados foram apresentados pela Sra. Eliane Feltem – Secretária de Agricultura do município). Verifiquei esses dados na FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e ISA (Instituto Socioambiental) e não consta nenhuma informação a respeito das aldeias: Água Branca, Tanguro, Ibirã e Caçula. As Terras Indígenas Xavante, localizadas no município de Canarana, são terras da União Federal, cabendo à União demarcá-las, protegê-las e respeitar todos os seus bens. Essas Terras são tradicionalmente ocupadas pelos índios que têm direito à posse permanente.

¹² Tenente Portela é uma cidade pequena, localizada na região noroeste do Estado Rio Grande do Sul, região do Alto Uruguai, próximo à fronteira da Argentina e da divisa com Santa Catarina.

para pagar a quota na cooperativa. Deste modo, o processo de migração tornava-se irreversível.

No ano de 1972, chegaram as primeiras 11 famílias à região de Canarana. Em 1973 chegaram outras, totalizando 81 famílias para cultivar os 40.000 ha destinados à colonização. A região não contava com nenhuma infra-estrutura para recebê-los e as primeiras casas eram construções de madeira bem rústicas, na verdade, barracos.

S. Edmar¹³, tratorista que abriu as primeiras ruas, conta que Norberto Schwantes fez um ato simbólico quando da chegada das primeiras famílias:

Norberto subiu em uma sucupira e disse que ali ia ser o centro de uma cidade promissora e importante de Mato Grosso. Antes da localização do centro da cidade, ele pegou um revólver, atirou em direção ao lugar onde hoje é o Banco do Brasil, e pelo tiro eu e ele balizamos a cidade. Canarana surgiu de um tiro.

As primeiras famílias se depararam com um quadro desolador: o solo era infértil, cheio de pedregulhos, onde nada brotava. Muitos pioneiros, desesperados com a situação, não agüentaram permanecer muito tempo e retornaram para Tenente Portela, sem terra e sem dinheiro. De modo geral, os colonos que se lançaram no processo de colonização viveram a esperança de sucesso e o temor do fracasso.

Inúmeras foram as dificuldades¹⁴ enfrentadas por essas pessoas que, para obter gêneros alimentícios e assistência médica, precisavam empreender

¹³ Entrevista realizada no dia 28 de agosto de 2004.

uma viagem de horas até a cidade mais próxima, Barra do Garças. Os transtornos aumentavam na época das chuvas, período que vai de meados de outubro a meados de maio, quando uma viagem de horas podia durar dias, devido aos atoleiros que cobriam as estradas.

Nas entrevistas que tive com pioneiros, um fato pôde ser observado: a maneira como eles enalteciam a memória de Norberto Schwantes, apesar das dificuldades encontradas.

Eu me lembro do pior Natal que nós passamos aqui, foi no ano de 1973. No Natal de 1972 a gente já tinha passado dificuldade, mas tinha um pouco de comida. Mas no ano de 1973 teve muita chuva, os carros que iam à Barra do Garças para comprar comidas ficavam atolados no meio do caminho. Muita gente passou o Natal atolada na estrada. A gente não tinha nem farinha de trigo para fazer pão, foi um ano difícil, porque se não fosse um ajudar o outro e dividir o pouco que tinha, a gente teria passado muito mais necessidade do que a gente passou. A situação ruim durou mais uns 3 anos, aos poucos as coisas foram se acertando e melhorando.¹⁵

Apesar dos obstáculos enfrentados D. Margarida¹⁶ finaliza dizendo:

¹⁴ O estudo de Dias e Bortoncello mostra as dificuldades enfrentadas pelos colonos sulistas que chegaram na região onde está localizado o município de Sorriso, e que se assemelham àquelas vividas pelos colonos que chegaram onde hoje é a cidade de Canarana. (Elisia Dias e Odila Bortoncello – “Resgate histórico do município de Sorriso”, Cuiabá, 2003.

¹⁵ Depoimento de Hildo Scapini, que chegou em Canarana no ano de 1972, quando tinha 15 anos de idade. Sua família fez parte da segunda leva de colonos. Seu pai, Olívio Scapini, era proprietário do lote de número 78, e foi um dos braços direitos de Norberto Schwantes.

¹⁶ Entrevista realizada com D. Margarida Ziecch no dia 28 de agosto de 2004. Ela foi a primeira professora de Canarana, começou a lecionar no quintal de sua casa.

Mesmo com as dificuldades, a vida foi sempre boa, porque vivíamos o amanhã. Valeu tudo o que a gente passou. Se existe paraíso, Canarana é um pedacinho dele.

A situação começou a melhorar no ano de 1974, quando os colonos receberam os títulos de propriedade de suas terras e conseguiram empréstimos no Banco do Brasil para a compra de máquinas e implementos agrícolas.

A Lei Estadual Nº 3.762, de 29 de junho de 1976 cria o distrito de Canarana. Em 1978, a Sociedade Amigos de Canarana (SAC) constituiu a Comissão Pró-Emancipação de Canarana e realizou plebiscito para emancipar o distrito à categoria de cidade. A Lei Nº 4.165 de 26 de dezembro de 1979, eleva à categoria de município, com o nome de Canarana, o distrito do mesmo nome, e sua instalação foi em 15 de fevereiro de 1981 com a posse do primeiro prefeito Luiz Cancian.

A Canarana de hoje é uma cidade plana, com avenidas largas e pouco movimento de veículos (Foto 1, 2, 3 e 4). Os canaranenses orgulham-se da cidade ter sido planejada:

Canarana é uma cidade toda planejada, aliás, é uma das mais bem planejadas que eu conheço, e olha que eu conheço um monte de cidades no estado de Goiás. Ela é toda arrumadinha, uma das coisas que eu mais gosto na cidade é o tamanho das avenidas. Há uns dois anos atrás tinha um monte de casas velhas no centro da cidade e a prefeitura começou a reformar todas elas, uma a uma. Agora no centro, graças ao prefeito, só tem casas bonitinhas. E eu acredito que Canarana vai ficar ainda mais bonita, como ela está se

desenvolvendo por causa da soja, ela vai crescer mais e ficar melhor ainda.¹⁷



Foto 1 - Entrada da cidade

¹⁷ Depoimento de Marileide, 25 anos, que mudou-se para Canarana ainda criança e trabalha na revendedora de máquinas agrícolas New Holland.



Foto 2 - Avenidas largas de Canarana



Foto 3 - Praça do avião



Foto 4 - Monumento em homenagem aos gaúchos

Além da área central, a cidade possui cinco bairros - Jardim Bela Vista, Morada do Sol, Jardim Tropical, Nova Canarana e Cohab. A região central conta com melhor infra-estrutura, é asfaltada e ali se localiza a zona residencial onde vivem as pessoas com maior poder aquisitivo; observamos que as casas são de melhor qualidade, maiores, e todas têm carro na garagem. Nos bairros periféricos, as ruas são de terra e o padrão de construção das casas é bem diversificado: há casas de alvenaria e de madeira. Geralmente os descendentes e os colonos pioneiros moram no centro, mas as pessoas oriundas de outras regiões e índios moram nos bairros (Foto 5 e 6).



Foto 5 - Vista aérea de Canarana - centro



Foto 6 - Vista aérea Canarana - periferia.

Na cidade existe um grande número de bares, praticamente um em cada esquina, tocando música sertaneja. Além disso, possui uma minúscula biblioteca municipal, situada na praça Siegfried Roewer, mais conhecida como "a praça do avião", que conta com algumas coleções de livros infantis, umas três enciclopédias e alguns poucos livros de literatura, do gênero romance. Sobre a cidade não consta quase nenhuma informação, embora sua história esteja na cabeça dos moradores, que vêem em Canarana a realização da obra idealizada e implantada pelo pastor Schwantes. Ao solicitar informações ou curiosidades sobre a cidade, a moça que trabalha na biblioteca me respondeu: "eu só sei que foi a gauchada, os primeiros que chegaram aqui com ajuda do Norberto."

Em Canarana não há cinema e nem teatro; não há jornal diário, tampouco banca de jornal, embora seja possível adquirir revistas femininas, infantis e de fofocas no supermercado Três Passos. Há a rádio "Gaspar FM som de uma nova geração" cuja programação é notadamente musical.

A cidade possui vinte e seis escolas, entre ensino infantil, fundamental e médio. Ao todo são duas estaduais, dezenove municipais, quatro particulares, além da APAE. Há ainda ensino superior com cursos modulares ministrados pela UFMT: bacharelado em administração e licenciatura plena em pedagogia.

Dentre os moradores, 90 % são gaúchos ou descendentes diretos dos colonos pioneiros que chegaram na década de 1970. O restante da população é formada de pessoas oriundas de Goiás e São Paulo, que foram a Canarana para tentar "a sorte" e ter uma vida melhor.

Minha família é de Goiânia, vim com eles lá pelo ano de 1984 para tentar uma vida melhor, porque eu tinha uns conhecido na cidade e eles tavam levando uma vida boa (...).¹⁸

Algumas vezes, parecia-me que se instalava uma ligeira confusão na minha cabeça: será que eu estava mesmo em Canarana ou em alguma cidadezinha da Região Sul? As tradições gaúchas estão impregnadas em todos os lugares, desde um monumento com uma enorme chaleira e cuia de chimarrão, que recebe o nome de monumento em homenagem aos gaúchos, até os hábitos dos moradores. É comum ver pela cidade os gaúchos tomando chimarrão. Nos estabelecimentos comerciais, cujos proprietários são gaúchos, encontra-se a cuia e uma garrafa térmica com água quente.

A cidade não oferece muitas opções de lazer. A vida noturna é parada; apenas aos sábados à noite há dois lugares onde a juventude sai para dançar e se divertir. Um deles é a Over Night, local freqüentado, em sua grande maioria, pelos filhos da soja¹⁹, muito semelhante às boates das grandes cidades. Outro local é a Jiripoka Dênce (é esse o modo como está escrito na placa), mais conhecido como Bailão Sertanejo, onde os mais pobres e os índios vão dançar forró e música sertaneja e se embriagar.

Também é possível se divertir em dois clubes: Esporte Clube Canarana, onde se realizam atividades sociais, recreativas e culturais, e na AABB (Associação Atlética Banco do Brasil). São clubes pequenos com piscina, churrasqueiras e campo de futebol.

¹⁸ Sr. Francisco, motorista de moto-táxi.

¹⁹ Utilizo esse termo para me referir aos filhos dos fazendeiros de soja que tumultuam a cidade à noite com os rádios dos carros em volume altíssimo, e que consomem roupas de grife que são encontradas em shoppings das metrópoles.

Os gaúchos têm por hábito freqüentar o CTG (Centro de Tradições Gaúchas) Pioneiros do Centro - Oeste que promove atividades culturais e sociais. "Seu" Nilvo (responsável pelo CTG), oriundo de Tenente Portela, mudou-se para Canarana com a família em julho de 2003. Explicou que o objetivo dos CTGs é prover um local onde os gaúchos possam se reunir para apreciar um bom churrasco, tomar chimarrão, jogar bolão (espécie de boliche de origem alemã com 9 pinos) e participar dos bailes embalados por conjuntos que tocam canções gaúchas. "Seu" Nilvo, além de cuidar do CTG, aceita encomenda para fazer pratos típicos gaúchos, nos finais de semana.

Conversando com alguns jovens, constatei que, realmente, não há muitas opções de divertimento. Eles saem com amigos para conversar e tomar cerveja. Reúnem-se na Lan House, passam a noite e finais de semana navegando na internet. Também promovem churrascos, nos finais de semana, entre amigos e familiares. Atribuem a escassez de divertimento à população de idosos que odeia barulho e agitação, alegando se tratar de farra e baderna. Logo quando concluem o ensino médio a maioria dos jovens se muda para cidades onde há universidades, geralmente Goiânia ou Brasília, retornando à Canarana somente para rever amigos e familiares.

Outro lugar de divertimento são os prostíbulos, que ficam no final da rua da Rodoviária, rua escura e de terra. Havia três deles, um do lado do outro, com a aparência e construção idênticas. Entrei no que estava vazio. A construção era simples, com três salas, uma servia de entrada, com mesinhas e as mulheres sentadas à espera dos clientes; mais adiante, uma sala maior com mesa de bilhar e aos fundos havia um corredorzinho escuro que dava no único banheiro. Mais adiante havia a cozinha, onde eram guardadas as bebidas alcoólicas.

Depois de muitos pedidos, consegui convencer uma das garotas, Ana, a me mostrar o quarto que ela dividia com mais uma moça, a Neuza, que veio de Cuiabá. O quarto, atrás da cozinha, não passava de um quadrado minúsculo onde só cabia uma cama de casal, sem janelas e mofado. Ana, que é do Recife, foi para Canarana porque a mãe não aceitava que ela fosse garota de programa.

A cidade tem um ritmo muito peculiar: ao meio dia a maioria dos estabelecimentos comerciais fecha, voltando a funcionar depois das 13:00 horas. Existem estabelecimentos populares e mais luxuosos, serviços destinados aos moradores mais exigentes e aqueles voltados para a periferia da cidade. Tudo exibido quase que lado a lado na região central.

Atualmente, como alavanca para o desenvolvimento da cidade, observa-se que o forte do comércio são as lojas de implementos e máquinas agrícolas. É neste setor que a prefeitura da cidade, na pessoa da Sra. Eliane Feltem, Secretária de Agricultura, vê as portas para o desenvolvimento, tendo como base a soja. Ela acredita que Canarana irá atingir o ápice do seu potencial de desenvolvimento com essa produção agrícola.

(...) nos últimos três anos notou-se que Canarana passa por uma febre de desenvolvimento, empresas maiores estão se instalando na região e buscam mão de obra qualificada na área agrícola. Hoje, revenda de máquinas agrícolas nós temos as 4 principais do país instaladas na cidade: New Holland, Massei Ferguson, Jon Dear e Valtra. As revendas atendem às cidade da região: Água Boa, Cocalinho, Ribeirão Cascalheira. Hoje, o forte comércio são as lojas especializadas em insumos e máquinas agrícolas. O principal motivo que eu acho que Canarana atraía esse tipo de comércio é que a

*cidade oferece uma série de recursos: internet, telefonia celular, esses tipo de recursos para empresas grandes são fundamentais, porque essas empresas trabalham o tempo todo on line com transmissão de dados.*²⁰

Quando o tema é agricultura, a plantação de soja ocupa papel preponderante no cenário econômico brasileiro, e a região na qual se localiza a cidade de Canarana é o principal centro produtor de soja do país. Esse fato explica a expectativa dos canaranenses de que a soja abra as portas para um progresso nunca antes experimentado na cidade e em toda a região Centro-Oeste.

O cultivo da soja, hoje, ocupa todo o entorno do Parque Indígena do Xingu e vem causando impacto e dano ao meio ambiente. À medida que a soja avança nos limites do PIX, avança com ela o desmatamento. De acordo com os dados da Secretária de Agricultura do município de Canarana, a estimativa de hectares plantados, dedicados ao cultivo exclusivo da soja, nesta última safra de 2003/2004, atingirá 100.000 hectares.

A soja avança e provoca desmatamento que agride as cabeceiras dos rios, desprotegidas; o quadro se agrava com o uso de defensivos agrícolas e o descuido com o descarte de embalagens, por exemplo, provoca alterações na qualidade da água dos rios. Essa se constitui numa das principais preocupações dos índios xinguanos, porque as cabeceiras dos principais rios formadores do Xingu estão situadas fora dos limites do Parque Indígena do Xingu e vêm sendo ameaçadas

²⁰ Depoimento de Eliane Feltem, colhido em oito de janeiro de 2004.

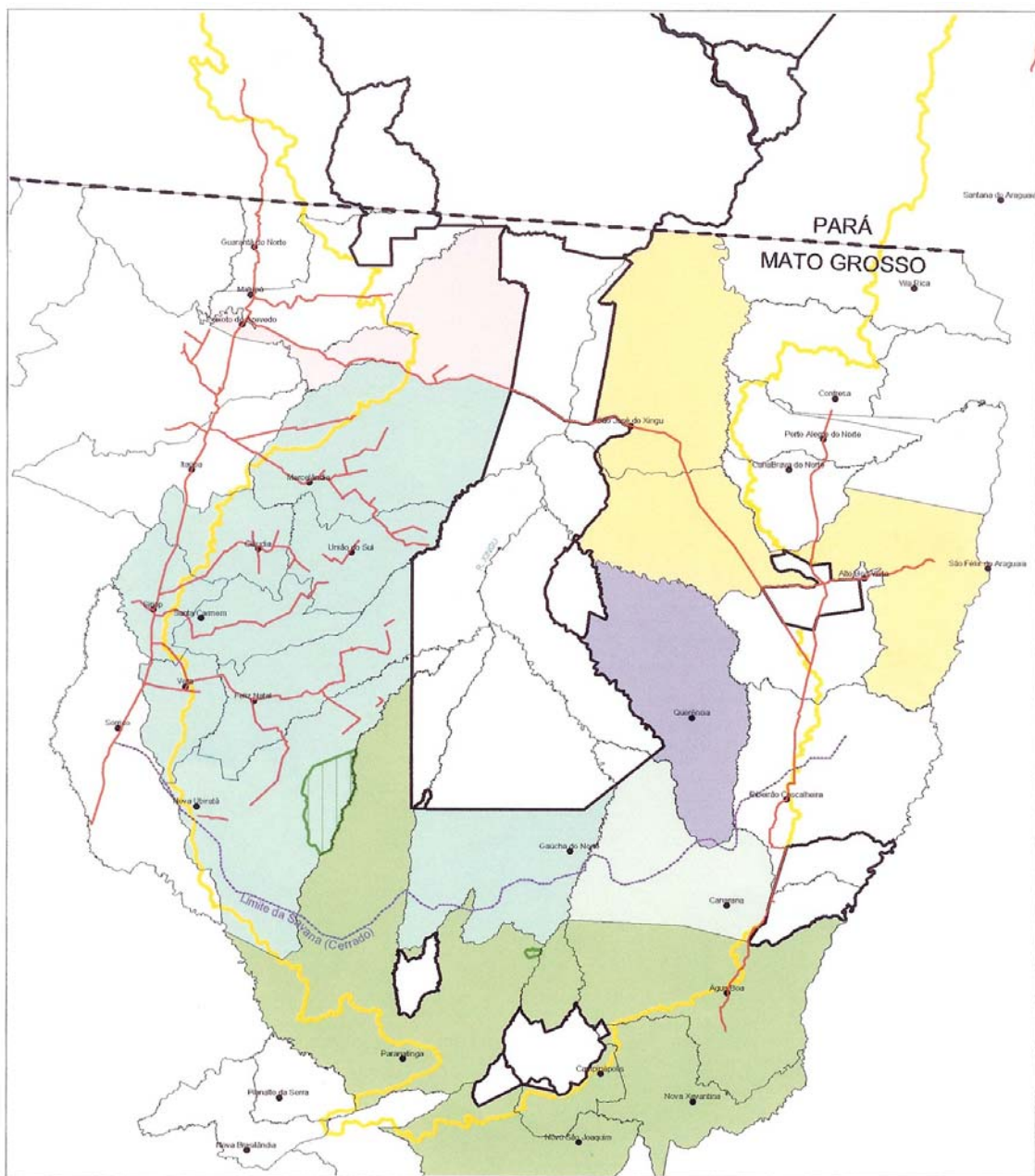
pelo desmatamento e o possível esgotamento do solo.²¹ Por causa dos desmatamentos e queimadas, algumas nascentes do Xingu já secaram (Mapa 3 e 4).

Em outubro de 2004, participei do "Encontro Nascentes do Xingu", na cidade de Canarana, promovido pelo Instituto Socioambiental, que objetivava chamar a atenção para a situação das nascentes do Rio Xingu, que estão sendo prejudicadas pelo corte desordenado das matas ciliares, e mobilizar os diferentes segmentos da sociedade regional e governo para uma atuação conjunta que crie ações de recuperação e conservação das nascentes do Xingu.

Esse Encontro originou a Campanha 'Y Katu Xingu (água limpa e boa na língua Kamaiurá), que pretende incentivar a ação dos vários setores envolvidos. Os produtores rurais terão papel fundamental na recuperação das matas. As prefeituras serão estimuladas a implantar programas de educação ambiental, formar viveiros de mudas e melhorar o saneamento básico das cidades. Os índios estão dispostos a monitorar a qualidade da água dos rios e coletar sementes.

²¹ Relatório "Situação das áreas naturais e desmatamentos na região dos formadores do Xingu" elaborado pelo Instituto Socioambiental, São Paulo, 2002.

Mapa 3 - Região dos Formadores do Xingu - Atividades econômicas predominantes e desmatamentos.

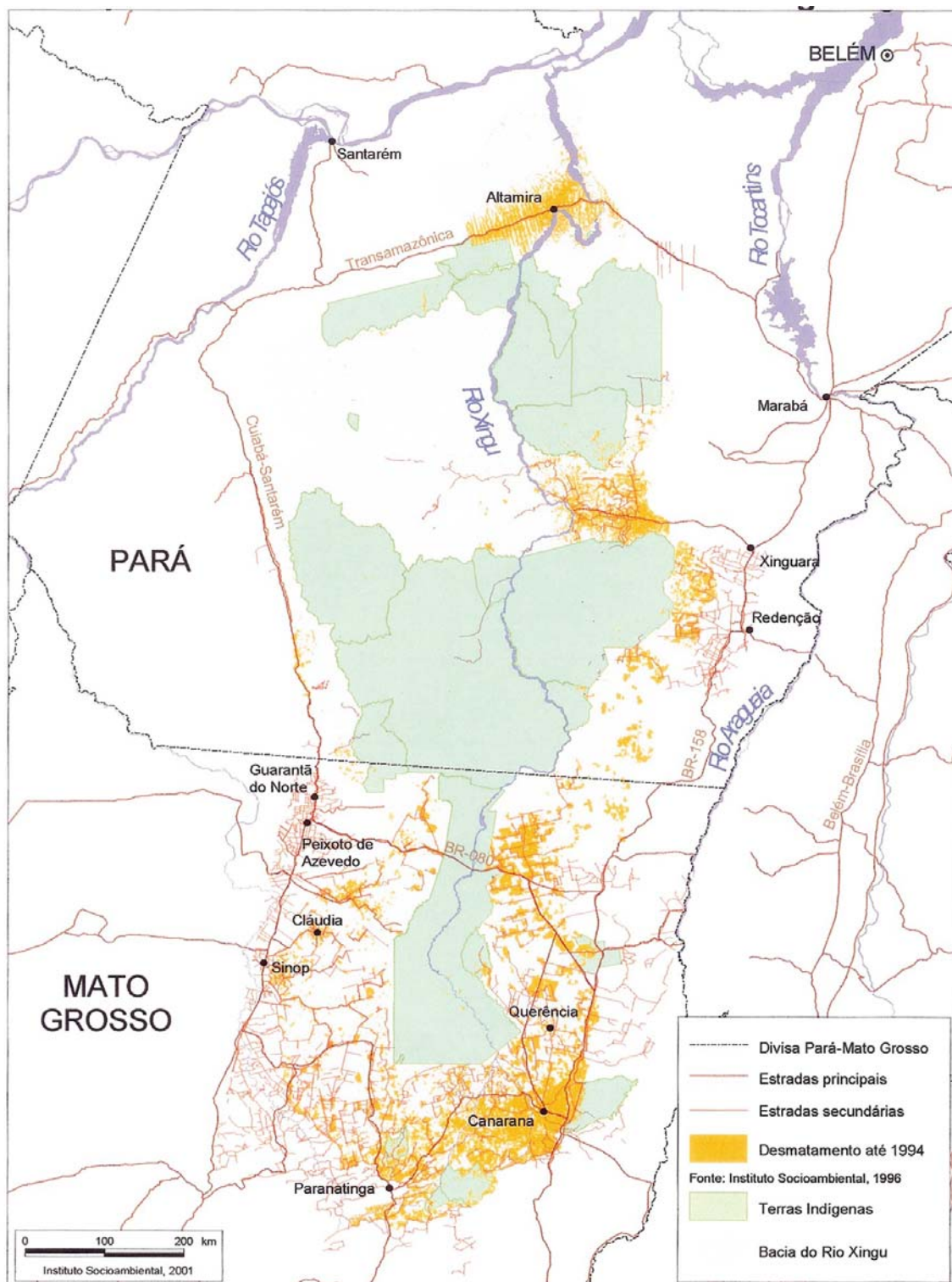


0 40 80 km

Estradas Principais	Atividades Econômicas
Bacia do Rio Xingu	Agricultura
Limites e Sedes Municipais	Agricultura e pecuária
Unidade de Conservação	Extração de madeira
Terras Indígenas	Extração de madeira e pecuária
	Extrativismo mineral e pecuária
	pecuária

Fonte: Diagnóstico Socioambiental - Programa Xingu - Instituto Socioambiental

Mapa 4 - Desmatamento até 1994 na Bacia do rio Xingu.



Sobrevoando o Parque Indígena do Xingu, observa-se o comprometimento das regiões fronteiriças ao Parque. (Foto 7 e 8). Mas, para a Secretária de Agricultura, Senhora Eliane Feltem:

Não são os agricultores de soja que desmatam, são os pecuaristas. A soja está invadindo os pastos de rebanho e os pecuaristas, recuados, provocam desmatamentos para nova implantação de novas áreas de pastos²².



Foto 7 - Plantação de soja

²² Depoimento da Secretária de Agricultura de Canarana, Sra. Eliana Feltem.



Foto 8 - Plantação de soja

A soja é o principal produto nas vendas externas do Estado, e o grão é responsável direto pela ampliação das áreas cultivadas do Estado. As indústrias que processam a soja também estão se mudando para o Centro-Oeste, acompanhando o aumento da produção na região. Observam-se, logo na entrada de Canarana, grandes galpões de armazenamento e beneficiamento de grãos, em construção ou em funcionamento, pertencentes a essas empresas.

Resumindo, apontamos que, no início dos anos 70, ocorreu a penetração de frentes demográficas e econômicas pelas diversas portas de entrada da Amazônia. Esses contingentes de migrantes originaram-se em pólos rurais de diversas regiões do País, e fizeram os percursos tradicionais de avanço, contínuo ou por etapas - desde áreas da Região Nordeste para a Amazônia Oriental até o aprofundamento de frentes anteriores provenientes do Sul e do interior de São

Paulo e Minas, que subiam em direção ao noroeste brasileiro, passando por Mato Grosso. Nos anos 60 e 70 foram centenas de milhares de migrantes que percorreram esses caminhos, em busca de terras livres, projetos de assentamento e pequenas e médias fazendas.

A colonização ocorrida em Canarana, favoreceu os interesses de grupos financeiros, indústrias e pessoas ligadas ao agro-negócio. O processo demográfico, a ocupação fundiária, a presença de minorias étnicas, o contexto sócio-ambiental, as políticas públicas que priorizam o expansionismo delineiam os contornos de uma nova sociedade permeada por graves conflitos sociais e políticos, subjacentes ao desenvolvimento da região. Nesse cenário em mutação se movimentam índios e não índios, num encontro, algumas vezes conflituoso.

CAP II – INDÍGENAS EM CANARANA

Diversos trabalhos²³ têm abordado a presença indígena na cidade e suas implicações e, também, analisado a política indigenista brasileira, pautada mais pelas necessidades da sociedade envolvente do que das comunidades indígenas.

Patrício²⁴ define que um índio citadino é um indivíduo que não vive mais na aldeia; ele mora na cidade onde a organização social o difere do aldeado. Seu território, na cidade, pode corresponder ao bairro ou, ainda, apenas a um pequeno espaço, onde têm como vizinhos indivíduos não indígenas. Os índios, apesar de viverem e trabalharem na cidade, mantêm sua identidade e pontos de ligação com seus locais de origem, neste caso, as aldeias.

Nesse sentido, os Kamaiurá não podem ser chamados citadinos, pois têm a cidade de Canarana apenas como referência para suas necessidades, como por exemplo, a Casa de Saúde Tuiuiú (pronto socorro que presta atendimento a todos os povos indígenas do PIX) e o Centro Cultural e de Convívio do Xingu²⁵, que, segundo Ianaculá Rodarte, seu administrador, funciona como:

²³ Alguns exemplos: Marlinda Patrício, “Índios de verdade – o caso dos Xipaia e Curuaia em Altamira – Pará”, Dissertação de Mestrado, UFPA, 2000, discute como esses povos buscam reconstruir a identidade étnica, a aprender a ser um cidadão indígena. “Viagens de ida, de volta e outras viagens: os movimentos migratórios e as sociedades indígenas” de João Pacheco de Oliveira Filho, apresenta algumas consequências e fatores da migração indígena; posição semelhante é compartilhada por Kimiye Tommasino no livro “As cidades e os povos indígenas – mitologias e visões”.

²⁴ Marlinda Melo Patrício, “Índios de verdade – o caso dos Xipaia e Curuaia em Altamira Pará”, Dissertação de Mestrado, UFPA, 2000.

²⁵ Local que presta apoio assistencial às comunidades xinguanas que estão em Canarana. Funciona como um braço da Administração Regional do Xingu, que está localizada na sede da FUNAI, em Brasília.

*Um ponto de apoio, um ponto de acesso até chegar em Brasília, em Cuiabá, grandes cidades, ou em até mesmo em outras comunidades, nossa luta agora é para construir um Memorial dos Povos Indígenas aqui na cidade de Canarana.*²⁶

Ianaculá explicou que a intenção de criar o Centro de Cultura²⁷ é para que funcione como um centro de referência, ou seja, um centro de acesso principal ao Parque Indígena do Xingu para atender aos pesquisadores, aos órgãos governamentais e aos não governamentais. Neste local os índios em trânsito recebem apoio, têm espaço para armar rede de dormir, e também podem se comunicar via rádio com os parentes que ficaram na aldeia.

As visitas à Casa de Saúde²⁸ não têm uma frequência constante, são feitas apenas em caso de emergências: parto complicado, fratura e internação. Consultas de rotina são feitas no Posto Indígena Leonardo (PIN), localizado no Alto Xingu, próximo às aldeias Kamaiurá e Yawalapiti, e apenas quando diagnosticado um problema mais sério é que o doente é encaminhado para Canarana. Nos casos menos graves, quando a Casa está cheia, ou quando já receberam alta, alguns doentes e acompanhantes ficam hospedados nos hotéis da cidade.

²⁶ Entrevista realizada com Inaculá, no dia 27 de agosto de 2004.

²⁷ Utilizo a abreviação Centro de Cultura porque é o modo pelo qual os índios se referem ao Centro Cultural e de Convívio do Xingu.

²⁸ A Casa de Saúde Tuiuiú é uma espécie de Pronto Socorro, que funciona em convênio com a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde) e Associação Indígena Mavutsinin, destinado a atender os índios apenas do Alto Xingu, possui quartos, refeitório, sala de atendimento. Trabalham no local profissionais da área de saúde, pessoas responsáveis pela alimentação e limpeza e Pablo Kamaiurá (Auxiliar administrativo da Aldeia de Morená); podem permanecer apenas os doentes, acompanhantes são hospedados nos hotéis da cidade. Recentemente ela mudou para um lugar mais espaçoso para atender maior quantidade de índios.

*Eu estou acompanhando a minha mulher que está na casa de saúde, ela tá grávida e tem muita febre e dor de cabeça.*²⁹

Mesmo estando em Canarana para receber atendimento médico os índios são vítimas de preconceito. A cidade possui um único hospital conveniado ao SUS (Sistema Único de Saúde), que recebe R\$ 7.000,00 para prestar atendimento e R\$ 100,00³⁰ por cada internação; no ano de 2003 houve um sério problema que foi resolvido com a intervenção da Procuradoria da República, pois o diretor do hospital havia colocado uma placa na entrada do hospital com os dizeres: "Não atenderemos mais índios".

Há ainda em Canarana a ATIX (Associação Terra Indígena do Xingu). Ianukulá Kayabi explicou que a Associação tem a sede no Xingu (Posto Diauarum) e o escritório em Canarana que "é um local de apoio e de contato do Xingu para fora do Xingu e vice-versa; como não há estrutura suficiente dentro do Parque, esse escritório é para mexer com administração, contabilidade e compras"³¹.

Seja pelo modo mais regular (reuniões e compras) ou por alternativas esporádicas (venda de artesanato e visitas), o ingresso de recursos monetários orientou Canarana para um novo "público consumidor" e tornou-a fonte desses bens para as populações do Parque. Mais do que isso, a cidade tornou-se um entreposto logístico. Ali se adquire combustível e óleo para os barcos e geradores; é para lá que motores e outros equipamentos são mandados para conserto; lá se mantêm um posto de rádio-comunicação ligado à rede que atende

²⁹ Koremkô Ikpeng, estava na cidade enquanto sua mulher faz tratamento na Casa de Saúde.

³⁰ Este valor deve estar defasado, pois estas informações foram passadas pelo Dr. Marcos (médico da Escola Paulista de Medicina que atendia os povos do Alto Xingu), em janeiro de 2004.

³¹ Entrevista realizada com Ianukulá Kayabi (administrador da ATIX), na sede da ATIX, no dia 28 de agosto de 2004.

todas as aldeias; e lá a FUNAI construiu uma casa de apoio para albergar os índios em trânsito.

Canarana possui sete hotéis, os dois de preços mais populares "Dois irmãos" e "Fausto", são os locais onde os índios em trânsito ficam hospedados. A diária é R\$ 10,00, geralmente, e o tempo de hospedagem não ultrapassa cinco dias pois, além de se preocuparem com o pagamento da hospedagem, eles necessitam de dinheiro para a alimentação, já que esses hotéis não oferecem nem café da manhã.

No período em que estão na cidade, a falta de dinheiro é um grave problema, pois quando estão acompanhando parentes doentes em tratamento, eles não recebem recurso algum da FUNASA, apenas hospedagem paga e alimentação servida na própria Casa de Saúde. O mesmo acontece com pessoas que tiveram alta e ficam hospedadas nesses hotéis, em observação. Ficam na cidade sem dinheiro e a alimentação é servida na Casa de Saúde distante do Centro. Por isso, quando encontramos índios conhecidos na cidade, nesta situação, eles pedem dinheiro para comprar bolacha ou refrigerante para as crianças.

Tommasino (2000) explica que a cidade oferece atrativos que despertam interesse nas comunidades indígenas, em especial, nos mais jovens. Entre esses fatores estão: escolas, universidades e concentração de tecnologia. Em alguns casos, em função da necessidade econômica, vários jovens saem das Terras para trabalhar nas cidades. Oliveira (1996) relata fatores semelhantes aos apresentados por Tommasino, entre eles: os jovens

vão às cidades em busca de aventuras ou simplesmente em busca de trabalho assalariado; por estratégias de mobilidade social e disputas por lideranças.

Segundo informações de Ianaculá Rodarte³², há poucos índios vivendo em Canarana³³. Há alguns jovens indígenas que freqüentam escolas (Escola Estadual Norberto Schwantes - 8 alunos³⁴ e Escola Estadual 31 de março - 10 alunos³⁵), os quais mudaram para a cidade para exercer algum tipo de trabalho nos órgãos que prestam serviço à população indígena presente em Canarana.

Mesmo que o núcleo urbano de Canarana esteja muito mais próximo das Terras Xavante do que as do Parque Indígena do Xingu, há apenas alunos xinguanos estudando nas escolas, segundo informação de Francisco Ferreira, mas nenhum deles Kamaiurá. No ano de 2002, um aluno Xavante freqüentou a Escola por cerca de três meses. O município mantém uma escola na Aldeia Água Branca (Terra Indígena Xavante), e atende às quatro primeiras séries do ensino fundamental. A procura dos Xavante pela 5ª série é direcionada para a escola do Distrito de Serra Dourada.

Daiki Waurá é um dos poucos índios que reside na cidade. Diz gostar muito de Canarana, onde mora há dois anos.

Eu já estou acostumado com a vida aqui em Canarana, eu gosto de morar aqui, (...) não costumo ir muito para a aldeia, só vou quando tem festa.³⁶

³² Entrevista com Ianaculá Rodarte, no dia 27 de agosto de 2004.

³³ Ianaculá não soube precisar o número de índios que vivem na cidade. Ele disse que esse número já chegou a 100, mas ele acredita que reduziu em 30 %.

³⁴ Informação passada pelo Senhor Francisco Ferreira, ex diretor da escola e atual professor de geografia, em entrevista realizada no dia 15 de janeiro de 2004.

³⁵ Informação passada pela Sra. Rita, diretora da escola, em entrevista realizada no dia 24 de fevereiro de 2005.

³⁶ Entrevista realizada com Daiki Waurá (estudante da escola Norberto Schwantes e radialista do Centro de Cultura), no dia 28 de agosto de 2004.

Ao contrário de Daiki, Ianukulá Kayabi (administrador da ATIX), que morou e estudou oito anos em Goiânia, afirma que, apesar de estar acostumado com a vida em Canarana, sente falta da aldeia, porque sua raiz é lá. No recesso de final de ano retorna para a aldeia. Ele afirma que o contexto preconceituoso de Canarana é muito complicado de ser resolvido, pois todas as cidades em torno do Xingu têm uma visão muito negativa do índio. Acredita que a grande responsável por veicular essa visão negativa seja a mídia, pois ela mostra o lado negativo do índio e a população local absorve esse preconceito pelas informações equivocadas que ela passa.

Ianukulá observa que:

A população que está nos grandes centros, longe das Terras Indígenas, demonstra ter um conhecimento maior da cultura indígena, e portanto, uma visão não tão negativa. Ao contrário da população que está no entorno do Parque e tem uma visão negativa porque teme que o índio seja capaz de matar.

A situação torna-se preocupante e tanto Ianaculá Rodarte quanto Ianukulá Kayabi afirmam que a população mais jovem da cidade continua reproduzindo o mesmo discurso preconceituoso. Alguns depoimentos de jovens que registramos em Canarana mostram a carga negativa que alimentam em relação aos índios.

Olha, teve tempos que eles (índios) andaram roubando muitas bicicletas na cidade, muitas mesmo, e muitas pessoas viam índios saindo com elas, e eu tinha um amigo que o pai dele trabalhava em uma aldeia no xingu, e diz que tinha montanhas

de bicicletas entulhadas nela. Não dá pra saber direito porque a lei dos homens não se aplica aos índios, então ninguém vai atrás mesmo. E assim como os índios americanos adoravam roubar cavalos, acho que os nossos são evoluídos.³⁷

Quando eu era pequena eu tinha verdadeiro pânico deles. Chegavam na cidade em caminhões lotados, morria de medo deles

Esse negócio de roubo é complicado mesmo. Quando entram no comércio, entram em grupo, é um Deus nos acuda, se não tomar cuidado roubam mesmo, já presenciei várias cenas³⁸.

É comum observar Xavante e Xinguanos, transitando pela cidade e, para alguns moradores, eles se diferenciam sob os seguintes aspectos: os Xavantes são "sujos, agressivos e invadem fazenda"³⁹ e os xinguanos "são puros e mantêm sua cultura"⁴⁰.

Fiquei bastante chocada ao ouvir tais depoimentos de diretores e coordenadores de escola:

Os índios do Xingu são educados, não dão trabalho, são obedientes (...). Os Xavante são muito pobres, e roubam nos mercados.⁴¹

³⁷ Depoimento de um adolescente que mora na cidade, coletado em fevereiro de 2005.

³⁸ Depoimento de uma jovem, que atualmente cursa faculdade em Minas Gerais, e visita os pais nas férias escolares. Depoimento colhido em fevereiro de 2005.

³⁹ Edvaldo Dihel – ex- prefeito de Canarana, entrevista realizada em 13 janeiro de 2004.

⁴⁰ Funcionária de uma loja de artigos para presentes.

⁴¹ Entrevista realizada com a sra. Rita, diretora da Escola 31 de março, em entrevista realizada no dia 24 de fevereiro de 2005.

Não há relato de Xavante morando na cidade, pois, ao contrário dos xinguanos, as aldeias Xavante localizam-se nos municípios vizinhos e em poucas horas (duas a três horas) de caminhão chegam em Canarana, o que facilita viagens de curta permanência.

No discurso dos moradores a diferenciação entre Xavante e Xinguanos é bem clara: Xavante é índio fedido, usa roupa rasgada, já perdeu a cultura de índio e vem à cidade para roubar, pedir e ficar emporcalhando a cidade com caroços de manga.

(...) Os Xavantes são muito pobres, mal educados e roubam nos mercadinhos da cidade, quando algum deles entra em uma loja tem sempre um funcionário vigiando.⁴²

Já os xinguanos são índios puros, pois não são influenciados pela cultura do homem branco, portanto mantêm sua cultura e vendem artesanatos.

A gente só vende artesanato de índio do Xingu, de Xavante não tem nenhum artesanato para vender, porque os Xavantes não sabem fazer artesanato.⁴³

A população identifica o Xavante como tal, pois eles sempre andam em grupo pela cidade; mas não sabe identificar qual é o povo Xinguanos a que estão se referindo, embora o Parque abrigue quatorze diferentes povos.

⁴² Entrevista realizada com a Sra. Marli, coordenadora do período noturno da Escola 31 de março, no dia 24 de fevereiro de 2005.

⁴³ Proprietária de uma loja de artigos para presentes.

As populações indígenas presentes na cidade já sofreram algum tipo de discriminação ou passaram por situação constrangedora. Mas de acordo com as entrevistas realizadas, concluímos que os Xavante são as maiores vítimas do preconceito.

O que se depreende do discurso da população de Canarana é que a discriminação entre xavantes e xinguanos está vinculada à aparência dos índios, mais propriamente ao estado de conservação das roupas. Os Xavante vestem roupas usadas, enquanto os xinguanos se apresentam, em sua maioria, com roupas novas e limpas; utilizadas especialmente para passear na cidade.

Todorov (1996), quando aborda a questão do vestuário em relação à busca de reconhecimento social, afirma que as roupas surgem como um diferencial, no sentido de que se constituem numa espécie de interface entre o olhar dos outros e o indivíduo observado (reconhecido ou não). Assim, a roupa é escolhida em função de captar o olhar de aprovação dos outros, e usada para demonstrar o pertencimento a um determinado grupo.

Dessa forma, o motivo que aparentemente acompanha a discriminação está ligado à questão do consumo. Os xinguanos recebem dinheiro de projetos e, eventualmente, de pesquisadores, o que lhes dá maior poder de compra no comércio, incrementando as vendas das lojas populares. Por serem consumidores seriam mais valorizados que os Xavante, ou melhor, menos discriminados.

Os pobres são aqueles que ninguém quer ver (reconhecer). Nesse contexto, de alguma maneira, os Kamaiurá são reconhecidos como *homo consumens*, igualando-se àqueles que vivem num mundo governado pela economia de mercado, a mesma que excluí os Xavante, juntamente com enormes parcelas da população que

não possui poder aquisitivo e que, portanto, não tem utilidade para o mercado. (Todorov: 1996).

Em Canarana encontramos algumas lojas voltadas para os índios consumidores: o Bazar Para Todos (proprietária D. Lourdes) é o mais conhecido e o mais antigo, começou como uma pequena porta de garagem, hoje é uma loja espaçosa localizada em frente ao Hotel 2 Irmãos (onde os índios se hospedam) e que oferece todo o tipo de bens que os índios necessitam⁴⁴.

Racismo e preconceito podem ser entendidos como uma maneira perversa e negativa de olhar um indivíduo ou grupo. São conceitos distintos; no racismo há uma associação com a idéia de superioridade racial, como por exemplo a atitude dos moradores de Canarana em relação aos índios; o preconceito caracteriza-se por ser a construção de uma idéia negativa sobre um determinado grupo, tendo como ponto de partida o arcabouço moral do sujeito que o julga. A discriminação é a materialização do preconceito.

O preconceito é uma prática visível em Canarana, não apenas em relação aos índios, mas também em relação a outros moradores em função da condição social e sua origem.

A população, além do preconceito que tem para com os índios, também discrimina os funcionários da prefeitura que trabalham com eles. Durante as entrevistas, o único local onde conversei com pessoas que respeitavam a cultura indígena foi na Secretaria Municipal de Educação. "Até a gente que trabalha com eles ouve umas coisas como: ai credo, como vocês podem trabalhar com eles"⁴⁵.

⁴⁴ Produtos como miçangas, linhas, tecidos, panelas de alumínio, são encontrados em boa quantidade. Atualmente, a proprietária resolveu investir na venda de alimentos (arroz, feijão, macarrão, biscoitos etc). Vender alimentos está dando certo, pois nas compras realizadas no Bazar os índios podem pagar parcelado em até quatro meses, compra que se fosse realizada nos supermercados deveria ser paga no ato.

⁴⁵ Entrevista realizada com Luciana A.S. M. Deluci, em janeiro de 2004, assessora pedagógica do município.

(...) tem vezes que moradores da cidade falam barbaridades para a gente. Uma vez, uma pessoa me disse que deveria trancar todos os índios num lugar só, fechar e jogar comida e depois que eles se acostumassem, jogar veneno para eles morrerem todos. Quando as pessoas não gostam, elas odeiam mesmo os índios.⁴⁶

O trabalho de Arruda (1992) relata a situação que ocorre na região oeste de MT, próxima à Terra Indígena do Rikbatska, semelhante à que se observou na sociedade canaranense, onde o índio é também visto como improdutivo e ignorante. Esse pensamento tem suas raízes no processo de colonização, desde quando se representou a figura do índio como obstáculo ao progresso. Essa imagem distorcida serviu de justificativa ao desrespeito aos índios, suas terras, sua cultura, e sua vida. Mesmo hoje, quando da construção de estradas, hidrelétricas e outras obras de integração nacional, a presença indígena é ignorada.⁴⁷

Os índios são os estranhos, a ameaça que precisa ser aniquilada através do processo antropológico⁴⁸. O termo "eticamente estranho"⁴⁹ utilizado por Bauman, talvez ajude a entender as complexas relações xenofóbicas existentes em Canarana. Nesse processo de exclusão, os índios seriam "os estranhos" porque

⁴⁶Entrevista realizada com Iraci Salet Vargas, que trabalha há muito tempo na Secretaria de Educação de Canarana.

⁴⁷Shelton Davis, no livro "Vítimas do Milagre", ilustra como modelo de desenvolvimento econômico adotado pelo governo brasileiro a construção da Rodovia Transamazônica, iniciada em outubro de 1970, que serviria para colonizar a região amazônica. O autor afirma que entre os anos de 1970 e 1974 a política de integração do governo federal abriu estradas que cortavam reservas e parques indígenas, cujos efeitos foram desastrosos e dizimaram populações indígenas.

⁴⁸ Antropológico: "vomitar" o diferente visto como incuravelmente estranho, além de impedir o contato físico, o diálogo e a interação social. As formas êmicas mais utilizadas são a segregação espacial, o acesso seletivo a espaços e o impedimento de seu uso (Bauman:2001 p. 118).

⁴⁹ Zygmunt Bauman. *Amor líquido*, Rio de Janeiro, Zahar editores, 2004.

surgem como empecilho ao desenvolvimento da cidade, apesar de deixarem nela o dinheiro que recebem da venda de artesanato, doações ou mesmo do pequeno salário mensal que alguns poucos ganham.⁵⁰

Eles olham estranho para a gente. A gente deixa dinheiro na cidade. Os índios com o dinheiro que ganham com a venda de artesanato deixam tudo aqui, a gente ajuda a cidade crescer com o dinheiro que a gente deixa aqui⁵¹.

Os Kamaiurá são bem conhecidos em algumas lojas, são consumidores assíduos; na época das chuvas, inclusive, pude observar, pelo menos uma vez, que fizeram um pedido via rádio que lhes foi entregue por via aérea, na aldeia; o valor da compra seria pago na próxima ida à cidade ou parcelado em até noventa dias. Este procedimento faz parte da rotina deles, esclarece D. Lourdes, proprietária do Bazar Para Todos. A proprietária nos informou que é "uma espécie de funcionária dos índios":

Eu trabalho para os índios, eles sempre vêm à minha loja quando precisam de mercadorias para levar para a aldeia, eles também costumam trazer os pesquisadores que vão visitá-los aqui na minha loja, para que os pesquisadores comprem o que eles querem.⁵²

⁵⁰ Segundo Ianaculá Rodarte, anualmente, em média, os índios xinguanos gastam no município em torno de R\$ 1.000.000,00, dinheiro obtido na venda de artesanato ou recebido como diferentes tipos de doação. Além dos R\$ 3.000.000,00 ao ano destinado ao atendimento de saúde dos povos do Alto Xingu.

⁵¹ Jakalo Kuikuro, durante um passeio por Canarana em janeiro de 2004.

⁵² Entrevista com D. Lourdes, proprietária do Bazar Para Todos, realizada em 9 de janeiro de 2004.

Além da proprietária do Bazar, os Kamaiurá têm amizade e conhecem os freteiros (motoristas donos de caminhonetes que fazem o percurso da cidade à beira do rio Kuluene); o Hélio, proprietário do hotel Dois irmãos, onde eles se hospedam, que se diz "irmão" de Kotok, e tem carinho especial por Takumã (pai do Kotok). Quando lá estávamos hospedados, em agosto de 2004, Hélio enviou um presente para Takumã.

Afora esse circuito que envolve relações entre prestadores de serviços e índios, caracterizado, portanto, pelo estabelecimento de relações comerciais, os índios relatam que em Canarana é difícil fazer amigo:

Aqui é difícil fazer amigo, eu conheço algumas pessoas por causa do meu trabalho na casa de saúde, e outras eu conheço porque eu faço ginástica no fim da tarde na academia⁵³.

Os serviços de auxílio aos povos indígenas da região têm suas construções localizadas na periferia, distantes do "centro", à margem da cidade, onde as ruas são de terra e a infra-estrutura precária. Possivelmente, por serem esses os únicos locais disponíveis, pois Canarana também classifica seus espaços hierarquicamente⁵⁴. A imagem de Canarana é a de um espaço ocupado por estranhos entre si, mas forçados à proximidade; por isso, são construídas cercas invisíveis, dificultando o acesso dos índios (estranhos) ao mundo dos brancos. Como não existe a preocupação, como explica Bauman (2003), em adquirir as

⁵³ Entrevista realizada com Pablo Kamaiurá na Casa de Saúde no dia 12 de janeiro de 2004.

⁵⁴ Mary Douglas. *Pureza e Perigo*. Portugal, Ed. Edições 70, 1991.

habilidades necessárias para viver com a diferença, surgem os grupos fechados, isolados, persistindo a "segregação espacial"⁵⁵.

Os canaranenses negam que vejam os índios através das lentes do preconceito. Mas lideranças indígenas residentes em Canarana⁵⁶ relatam situações reveladoras:

Uma vez eu estava com a minha mulher no hospital, ela estava sendo examinada pelo médico, eu ouvi de uma pessoa que estava na fila que falou para uma mulher que trabalha no hospital: ele é índio, porque você não atende um branco primeiro, e deixa ele para atender depois⁵⁷.

Faz três anos que eu estou por aqui. Aqui é uma terra onde o preconceito é muito grande. O que me chama a atenção é quando os índios chegam na loja para fazer compras ninguém atende eles, mas os vendedores largam do serviço e ficam vigiando os índios para ver se eles não vão roubar nada. Eu sempre presencio isso, e outra coisa mais absurda ainda é com relação ao aluguel das casas, se um índio vai lá para alugar uma casa, e o aluguel é R\$ 150,00, mas para os índios é cobrado R\$ 300,00.

A gente vai na loja, e uma calça que custa R\$ 12,00, para a gente eles cobram R\$ 30,00. Às vezes quando eu posso eu vou com eles para pechinchar, porque daí eu consegui uma vez comprar três

⁵⁵ Zygmunt Bauman, Modernidade líquida, Rio de Janeiro, Zahar editores, 2003.

⁵⁶ Lideranças: Ianaculá Rodarte, administrador do Centro Cultural e de Convívio do Xingu, Ianukulá Kayabi, administrador da sede da ATIX (Associação Terra Indígena do Xingu), Kanaiú Waurá, chefe do Posto de Vigilância Batovi, e outras lideranças presentes pela cidade.

⁵⁷ Koremkô Ikpeng – estava hospedado no Hotel Polyana enquanto sua mulher fazia tratamento de saúde, janeiro de 2004.

calças e duas camisetas, por R\$ 60,00 preço que a dona havia cobrado por uma calça.

Aqui tem lojas para vender roupas e calçados, mas tem uma loja, que você deve saber de quem eu estou falando, lá dentro está camuflado o arroz, o feijão, para o índio pagar mais caro.

Para abrir uma conta no banco, qualquer ser humano tem o direito de ter uma conta no banco, mas para o índio não, a gente tem que fazer uma declaração para eles, dizendo que eles vão abrir a conta, vão trabalhar, que vão ganhar o salário deles. E para abrir a conta, não serve apenas a autorização do Payê⁵⁸, tem que ter escrito: "o fulano é um cidadão capaz", só abre mediante isso⁵⁹.

Assim, em Canarana subsistem dois mundos: o dos "brancos" e o dos índios, estes irremediavelmente atraídos pela sociedade que os repudia.

Os moradores da cidade para se afirmarem como pioneiros ou descendentes precisam desqualificar os indígenas, excluí-los como inferiores, justificando assim seus impulsos racistas e rancorosos.

⁵⁸ Payê Kaybi administrador da AER (Administração Executiva do Xingu), com a sede em Brasília.

⁵⁹ Entrevista realizada com Inê Karajá, funcionária do Centro de Cultura, realizada em 27 de agosto de 2004.

CAP III - VIDA EM ALDEIA E EXPERIÊNCIA URBANA

O primeiro contato das populações do Xingu com representantes da civilização, de que temos notícia, ocorreu em 1884 com a primeira expedição de Karl von den Steinen. Daí em diante, várias expedições penetraram a região e estabeleceram contatos intermitentes e temporários com os índios alto-xinguanos⁶⁰.

A bacia do Rio Xingu é formada pelos rios: Batovi, Kuluene e Ronuro, e se estende até o estado do Pará, totalizando cerca de 51.189.100 hectares de área. As terras do Parque representam cerca de 15% da Bacia do Xingu, sendo sua área considerada uma das mais preservadas dos ambientes de transição entre a Floresta Amazônica e o Cerrado. Atualmente, vivem aí quatorze povos dos troncos lingüísticos Tupi, Aruak, Karib e Trumai (língua isolada), com uma população estimada em 5.000 pessoas, em 32 aldeias distribuídas pela parte Norte (Baixo Xingu), Média (Médio Xingu), Sul (Alto Xingu), área onde ocorre significativa homogeneidade cultural (Fotos 9 e 10).

Os moradores do Alto Xingu convivem em relativa harmonia e compartilham muitos traços culturais, como sistema de parentesco, organização das atividades econômicas e mitologia. Apesar do refinamento dos contatos entre eles, uma série de disputas e oposições políticas internas permeia suas relações.

⁶⁰ Samain (1980: 2-17) apresenta as principais expedições que adentraram no território xinguanos: Von den Steinen (1884 e 1886), como resultado da segunda viagem, publica o livro: "Entre os aborígenes do Brasil Central". Em 1895 Meyer decide continuar os rastros de Von den Steinen, em maio de 1896 parte de Cuiabá rumo às cabeceiras do Xingu. Nos anos de 1901, 1910 e 1926, Max Schmidt segue o itinerário da segunda viagem de Von den Steinen. Fawcett (1920), desapareceu em 1925 quando da sua segunda expedição à região. Petrucci em 1931 sobrevoou, durante algumas semanas os rios Kuliseu e Kuluene, permanecendo a maior parte do tempo nos Yawalapiti. Vasconcelos, em 1945 desce os rios Ronuro e Jatobá até a foz formadora do Rio Xingu.



Foto 9 - Parque Indígena do Xingu - Rio Kuluene



Foto 10 - Parque Indígena do Xingu - Posto Indígena Leonardo

Os Kamaiurá, povo de língua Tupi- Guarani, vivem no Parque Indígena do Xingu em duas aldeias: I'awaratsin typ⁶¹ e Morenà no Alto Rio Xingu (Mato Grosso) (Mapa 5).

A aldeia Kamaiurá de Ipavu, onde desenvolvemos esse estudo, segue o modelo de construção alto xinguno, com quinze casas ovaladas ao redor de um pátio circular e 260 moradores⁶² (Foto 11 e Figura 1).

No centro do pátio localiza-se a Casa dos homens (Tapyyj) ou Casa das flautas, local de reunião das lideranças, recinto exclusivo dos homens, onde são guardadas as flautas jakuí. Do lado de fora, junto à Casa, há um banco onde os homens se reúnem no final da tarde para fumar seus longos cigarros e conversar sobre o cotidiano da aldeia.

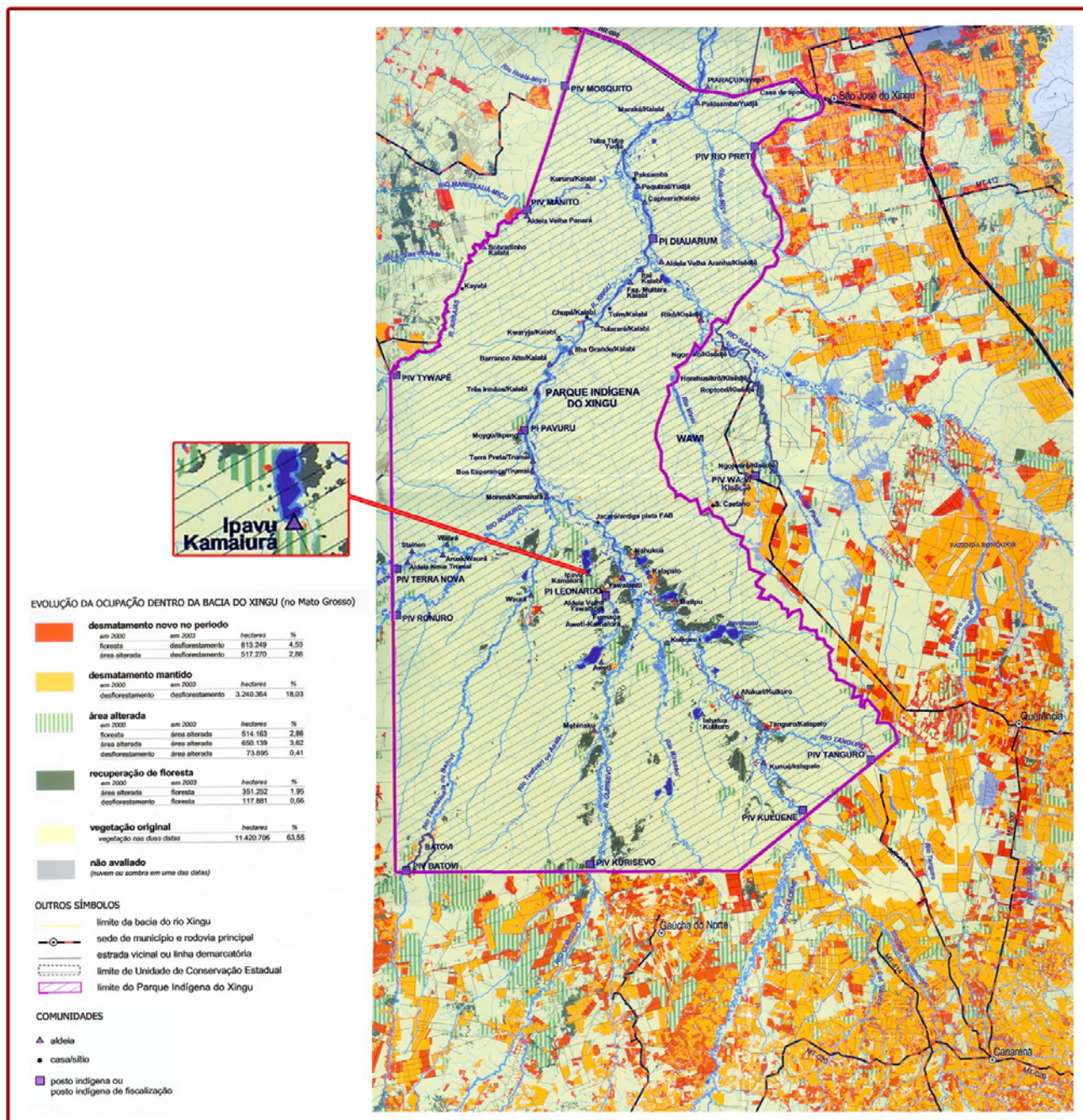


Foto 11 - Vista aérea da aldeia Kamaiurá de Ipavu - cedida pela Associação Indígena Mavutsinin

⁶¹ Os Kamaiurá chamam a aldeia de Ipavu (conhecida pelos não índios por esse nome), de I'awaratsin typ (lugar de espinho).

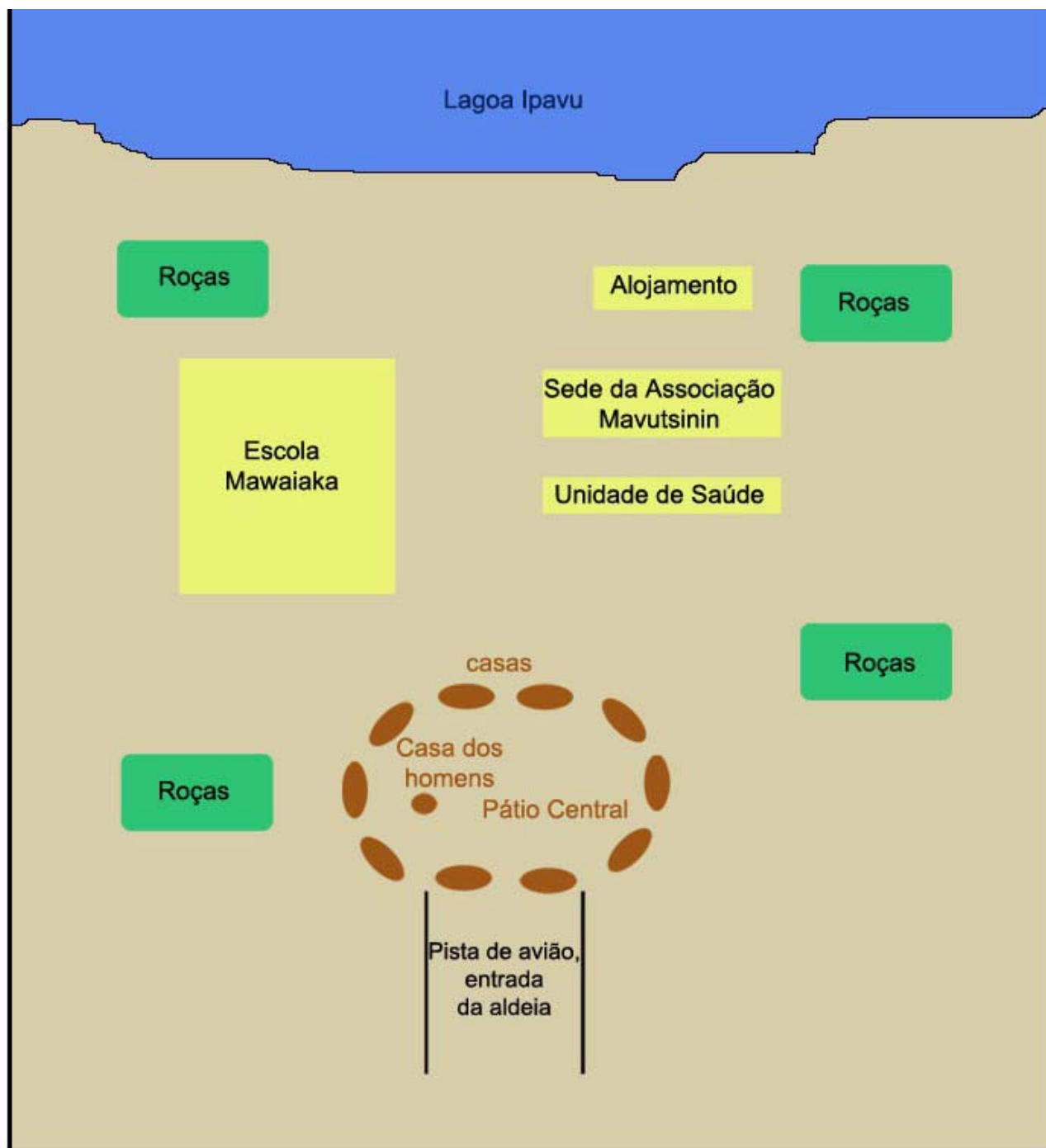
⁶² Fonte: Agente de saúde indígena Trauin Kamaiurá.

Mapa 5 – Parque Indígena do Xingu, entorno e localização da aldeia Kamaiurá de Ipavu.



Fonte: Cabeceiras do Xingu: Evolução do desmatamento no período de 2000-2003
Programa Xingu - Instituto Socioambiental

Figura 1 - Desenho esquemático da aldeia Kamaiurá de Ipavu.



O número de moradores das casas varia bastante. Algumas abrigam apenas uma família nuclear, outras, famílias ampliadas que reúnem consangüíneos e afins. A casa onde fico durante a minha estadia é na do cacique⁶³, e reúne cerca de trinta pessoas, entre homens, mulheres e crianças. No seu interior, o espaço central é reservado à cozinha (coletiva) e à estocagem do polvilho de mandioca. As redes de dormir dos moradores se distribuem nos demais espaços. A televisão, de aquisição recente, fica na área comum, próxima à cozinha (foto 12).

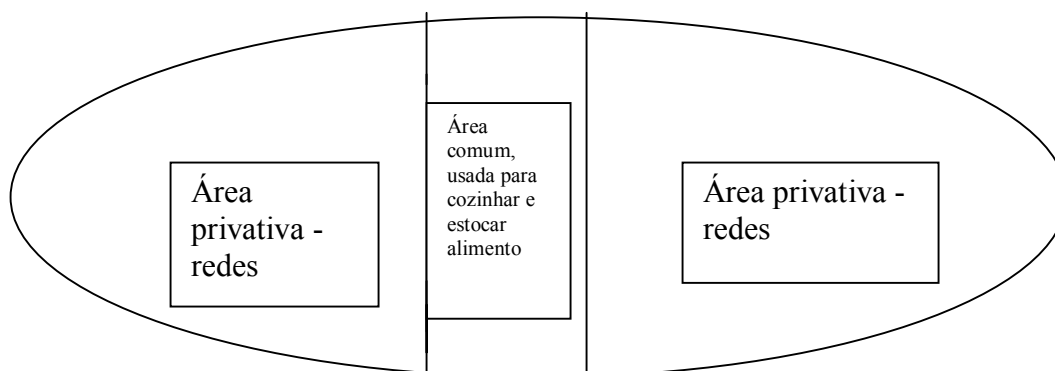


Foto 12 - Detalhe de uma casa xinguana

⁶³ O termo cacique é usado pelo não índio para designar um chefe indígena. Na sociedade Kamaiurá chefe indígena recebe o nome de morerekwat.

Cada casa possui um único dono, líder de um grupo de parentes, e cabe a ele organizar a rotina da casa e transmitir a seus familiares as solicitações das lideranças da aldeia.

Desenho esquemático do interior de uma casa:



Tanto na aldeia como no interior das residências os espaços são claramente marcados: nas casas, a área destinada às redes é o recanto privado, onde mesmo moradores de outros domicílios têm acesso limitado. O local comum onde se faz o preparo e estocagem de alimentos é compartilhado por todos. No pátio há a Casa dos Homens, proibido para mulheres que não podem participar das reuniões no fim de tarde, e nem devem passar pela sua porta. A única ocasião em que as mulheres são vistas sentadas e cantando defronte a Casa dos Homens é na festa de Iamurikumã⁶⁴, que ocorre em meados de agosto e em longos intervalos de tempo.

Além das residências que circundam o pátio, há ainda mais cinco construções em direção à lagoa Ipavu: Escola Mawaiaka, Unidade Básica de

⁶⁴ Festa das Mulheres que consiste numa cerimônia onde só elas dançam, usam adornos masculinos e lutam hukahuka. Nenhum homem pode adentrar no pátio no decorrer da festa.

Saúde, a sede da Associação Mavutsinin⁶⁵, um alojamento para visitantes, e uma construção em frente a lagoa para descanso dos eventuais turistas.

A rotina diária na aldeia começa cedo, por volta das 5:30 h, quando todos seguem para o banho na lagoa de Ipavu. Em seguida, as mulheres, acompanhadas dos filhos, vão à roça para colher mandioca durante cerca de duas horas. De volta da roça, elas preparam o beiju, que é a primeira refeição do dia. A partir de então, dedicam-se à mandioca colhida: descascar, ralar, tirar o sumo venenoso. Findo o trabalho, é hora do almoço. A dieta alimentar dos Kamaiurá se constitui basicamente de beiju e peixe assado podendo ser completada com pequenas frutas, carne de caça (hábito pouco comum) e tracajá.

No período da tarde, elas se ocupam da costura, confecção de artesanato, cuidado com os filhos, ou apenas descansam.

Os homens abrem as roças, confeccionam artesanato, pescam, capinam e, esporadicamente, vão ao Posto Leonardo Villas Boas participar de reuniões com lideranças.

No final da tarde, jovens, moças e crianças se reúnem para jogar futebol, em espaços diferentes. Findo o jogo, todos vão se banhar.

No anoitecer as lideranças se dirigem para o centro da aldeia, na roda dos homens, para fumar e discutir assuntos cotidianos, enquanto as mulheres ficam em casa preparando a última refeição do dia.

⁶⁵ A **Associação Indígena Mavutsinin** fundada 1996, é uma sociedade civil da comunidade, e recebe doações ou financiamento para projetos. No decorrer de seus seis anos, realizou o Mapeamento Cultural das Terras Indígenas Kamaiurá e Yawalapiti em convênio com a ONG ACT- Amazon Conservation Team e FUNAI – Fundação Nacional do Índio. Implantou junto ao DEDC, Departamento de Desenvolvimento Comunitário FUNAI, o Meliponário de abelha Jatái. Realiza o Projeto Awawo Jamena Ko - Roça dos Jovens em parceria com a PETROBRAS, realiza o Projeto Escolar Mawa' aiaka em com a SEDUC - Secretária de Educação do Mato Grosso, recebendo ainda recurso do Setor de Educação – FUNAI. Realiza junto ao DEDOC - Departamento de Documentação - FUNAI o Projeto Livro Histórias e Mitos Kamaiurá. Presta assistência aos moradores da comunidade, realiza a manutenção dos equipamentos e máquinas da comunidade, atua em trabalhos voltados à melhoria do nível de vida, produção e valorização cultural.

Por volta das 20:00 h é ligado o gerador e alguns correm para a frente da TV, enquanto outros começam a se aquietar em suas redes. O tempo de TV ligada varia de acordo com a quantidade de óleo disponível para fazer funcionar o gerador; geralmente é desligada por volta das 22:00 h. Nesse momento ainda é possível ouvir conversas pela casa, algumas em tom de brincadeira ou sobre algo de engraçado que aconteceu durante o dia, mas gradativamente a aldeia vai ficando silenciosa, e todos dormem para enfrentar um novo dia.

Observamos que as crianças menores de três anos passam a maior parte do tempo com as mães. Após esse período, adquirem certa autonomia e geralmente seus irmãos mais velhos cuidam delas nas brincadeiras. Elas participam de maneira irregular do trabalho e dos rituais, nada lhes é imposto, mas desde muito novas são estimuladas a serem generosas.

Os bandos infantis são ruidosos e alegres em suas brincadeiras. Praticamente não há disputas ou brigas. Uma bola, ou uma pipa, ou mesmo um avião feito de pedaços de madeira circulam de mão em mão, sob o olhar benevolente do dono. As crianças se mostram pacientes com aquelas mais novas, como que desempenhando o papel de pequenos pais e mães. Mesmo quando treinam a luta de huka-huka, há lealdade nos golpes. Se um perdedor chora, algum adulto estimula-o a tentar novamente a vitória.

Ao atingirem a puberdade, meninos e meninas passam por um período de reclusão, quando os meninos aprendem técnicas de confecção de artesanato e tomam um chá de raízes para se tornarem bons lutadores de huka-huka. As meninas entram em reclusão quando ficam menstruadas pela primeira vez e durante esse período aprendem a confecção de artesanato e o preparo de alimentos. Voltaremos a esse tema mais adiante.

Segundo dizem os Kamaiurá, a passagem da infância para à vida adulta ocorre sem a mediação daquilo que chamamos de adolescência. Segundo Kotok, líder da aldeia, quando um menino muda de voz, aos treze ou quatorze anos, já se torna um homem completo, adulto. Quando a voz muda, dizem, é sinal de que o corpo já produz esperma, ficando o homem apto para o casamento e a procriação.

Para as mulheres a passagem, igualmente imediata, se dá por ocasião da primeira menstruação.

Contatos com o exterior

Os Kamaiurá dizem que alguns deles viajam pelo menos uma vez por mês para Canarana. Como dissemos, a cidade é semelhante a muitas outras do interior do Brasil, embora exiba ruas planejadas e arborizadas. Caminhando-se pelas ruas há lojas exibindo vitrines bem apresentadas, roupas de grife bastante semelhantes àquelas encontradas nos shoppings de grandes cidades. Há ainda uma loja de artesanato indígena com peças selecionadas e bem dispostas. Mas há também lojas de apelo popular, com roupas penduradas para fora, exibindo de tudo um pouco: tecido, roupas simples, calçados, armarinhos etc. E embora os jovens índios tenham predileção por roupas usadas por artistas e jogadores de futebol, são as lojas mais simples que podem freqüentar.

Há duas opções para alcançar a cidade: táxi-aéreo, meio de transporte rápido (quarenta e cinco minutos), porém muito caro (R\$ 1.500,00 por vôo); barco (seis horas), mais três horas em estrada secundária, em veículo fretado⁶⁶. No período de chuvas, compreendido entre meados de outubro e meados de

⁶⁶ Numa viagem (ida e volta) são gastos, aproximadamente, 400 litros de gasolina (400 X R\$ 2,70 = R\$ 1.080,00) e 20 frascos de óleo 2T (20 X R\$ 7,00 = R\$ 140), além dos R\$ 460,00 (frete ida e volta), no valor total R\$ 1.680,00.

fevereiro torna-se difícil a viagem de barco, porque os rios estão muito cheios; além disso, o trajeto pela estrada de terra que liga Canarana à beira do porto do Rio Kuluene, na Fazenda Saionara, é demorado e cansativo, devido aos atoleiros. Uma viagem de três horas, no período da seca, chega a durar dez horas no período das chuvas.

As viagens são decididas com antecedência pelos índios, salvo em caso de doença ou outras emergências. Todas as comunidades têm motor de popa e barco de alumínio (voadeira), obtidos por doação de particulares ou da FUNAI. O frete do caminhão é acertado pelo rádio da aldeia, via Central Peixoto, com os motoristas que prestam serviço na cidade de Canarana.

A Central Peixoto funciona na cidade de Peixoto de Azevedo, é um serviço particular que atende às populações indígenas da região e pequenos produtores rurais. A comunicação é via rádio, e o custo do serviço é medido em minutos, tendo preço elevado. Conseguir dinheiro para pagar a Central é uma das preocupações dos índios, pois é via Central que eles têm contato com o mundo externo. São amigos e pesquisadores que geralmente pagam a Central. Na minha estadia de fevereiro de 2005, paguei R\$ 400,00 à Central, valor que era 40% do débito que tinham.

O custo da viagem é alto, e sua regularidade depende, em grande parte, das condições financeiras. Por isso os Kamaiurá acumulam os problemas a serem resolvidos, como reparos de motores, até conseguirem dinheiro para viagens e o pagamento dos consertos. Geralmente há uma cota de gasolina que o Posto Indígena Leonardo recebe da FUNAI e repassa para as comunidades. Os índios também costumam pegar carona com as voadeiras que transportam pacientes ou

pesquisadores. Somente quando ocorrem reuniões na cidade, promovidas pela FUNAI, FUNASA e ATIX, os custos são pagos pelos órgãos promotores.

Canarana é o primeiro contato com o "mundo dos brancos". A proximidade facilita visitas, compras e passeios. Num primeiro momento, foi possível perceber que os jovens, que futuramente serão os responsáveis pela condução das aldeias, estão bem familiarizados com a vida urbana, inclusive fazendo amplo uso na aldeia das novidades encontradas em Canarana, como televisão, vídeo cassete, filmadoras, Discman, aparelhos de som, tênis, roupas de marca, Cds com músicas de Kelly Key, Rouge, Banda Calypso, entre outros.

Os recursos para compras vêm dos salários dos que prestam serviço⁶⁷ no Posto Indígena Leonardo, professores e merendeiras da Escola Mawaiaka e Agentes de Saúde, da doação de amigos pesquisadores, além do dinheiro da Associação Indígena Mavutsinin⁶⁸.

O uso de roupas de grife atrai os jovens Kamaiurá. Em uma das minhas estadias na aldeia, um adolescente (treze ou quatorze anos) me pediu uma chuteira Nike. Respondi que era muito caro, expliquei que todas eram iguais, até que ele acabou aceitando que eu levasse chuteiras de qualquer marca.

Acreditamos que eles conheceram as marcas através dos seus irmãos mais velhos, que transitam por Canarana e estão a par das novidades. Além de

⁶⁷ Assalariados: dois professores que recebem da prefeitura de Gaúcha do Norte, duas merendeiras; cinco Agentes que recebem pela FUNASA, e dois Funcionários do Posto Indígena Leonardo que recebem pela FUNAI.

⁶⁸ A Associação Indígena Mavutsinin, por meio do projeto de preservação cultural, recebia verba para a compra de materiais para a produção de artesanato, como miçangas, barbantes etc, distribuía entre as pessoas da aldeia, estimulando a produção de artesanato; o artesão entregava sua produção à Associação e recebia em troca bens industrializados (vestidos, chuteiras, chinelos etc). O dinheiro da venda do artesanato era investido em melhorias locais e solicitações da comunidade. Atualmente esse projeto está sem financiamento.

presentes e trocas feitas com amigos visitantes⁶⁹, e os presentes ocasionalmente dados pelos pais.

Indagamos com os jovens o porquê do uso de roupas e chuteiras de marca. O desejo de usar chuteiras Nike, os presentes mais pedidos por eles, deve-se ao fato delas serem as usadas pelo jogador Ronaldinho e porque têm cores mais vistosas (vermelho e prata).

A atração pelo uso de roupas de grife ocorre apenas entre os rapazes, que especificam a marca quando fazem seus pedidos; as solicitações das moças são sempre as mesmas: vestidos e cangas.

Praticamente todas as casas possuem televisores, mas devido à quebra do gerador, que fornece energia para a aldeia, está sendo utilizado um gerador pequeno com capacidade de fornecer energia para apenas três casas. Há outro pequeno gerador, cujo proprietário "empresta" energia para três casas. Na casa do chefe da aldeia ligam-se simultaneamente duas televisões, uma sintonizada na rede Globo, e a outra exibe em vídeo gravações feitas pelos próprios índios de rituais e apresentações. As filmadoras foram presentes de amigos dos Kamaiurá (Foto 13).

⁶⁹ Em fevereiro de 2005 eu deixei com eles tênis, mochila e saco de dormir.

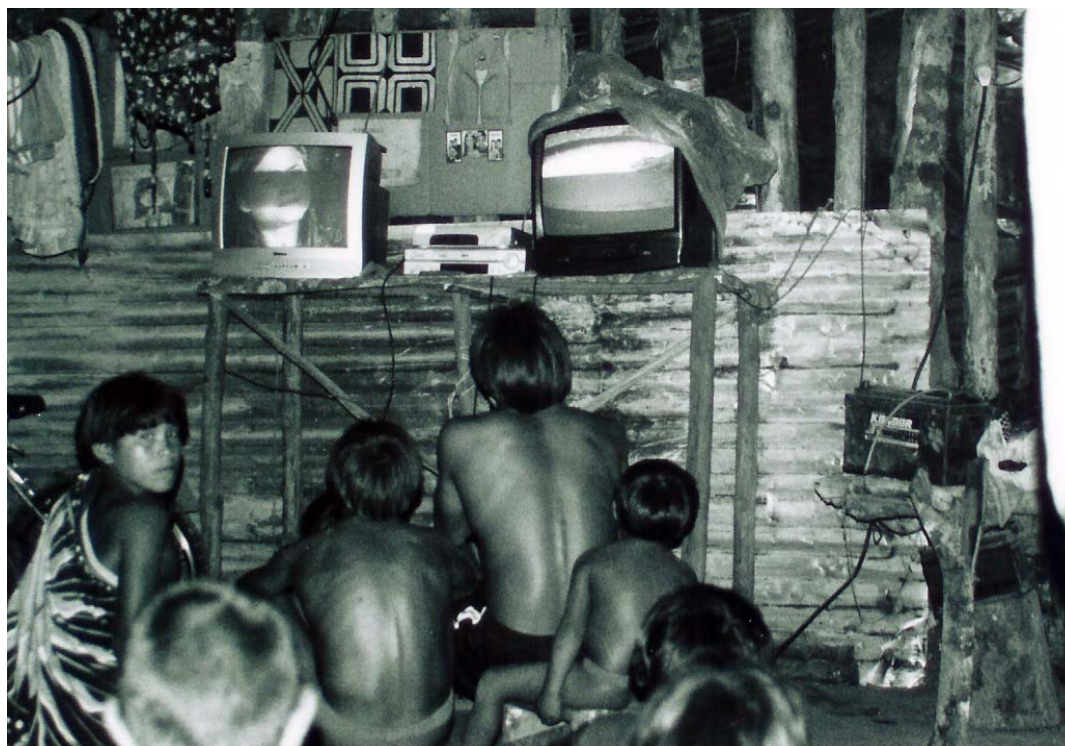


Foto 13 - TVs ligadas ao mesmo tempo

Um exemplo da influência da televisão na vida da aldeia pode ser observado por meio da expressão "mateu". Na época da novela "Terra Nostra", exibida pela Rede Globo, o ator principal tinha o nome de Mateo. Durante a novela o trator da comunidade, que é bem velho e foi doado por um fazendeiro, começou a ser chamado de mateu, e, a partir daí, tudo o que é feito os índios chamam de mateu.

As opções de divertimento em Canarana como vimos são, além dos prostíbulos, duas boates: Jiripoka Dencê e a Over Night. A Jiripoka é a casa mais "famosa" de bailão, funciona aos sábados e recebe cantores regionais que embalam os freqüentadores com forró e música sertaneja; o espaço é pequeno e abafado. A Over Night é semelhante às danceterias de grandes cidades, toca

músicas eletrônicas e internacionais. O que difere uma da outra é o público e o estilo de música tocado, na Jiripoka são pessoas de baixa renda e na Over Night pessoas de maior poder aquisitivo.

A maioria dos jovens Kamaiurá entrevistados já freqüentou a Jiripoka e alguns já foram à Over Night. A diferença relatada por eles, entre uma e outra, é o preço e o tipo de música. Eles freqüentam esses locais apenas para ficar observando e tomar cerveja pois, dizem, não sabem dançar. Como se vê, os Kamaiurá são receptores incipientes da cultura globalizada e vivenciam um processo denominado por Bonfil⁷⁰ de transculturação.

A concepção de Bonfil pode ser tomada como exemplo paradigmático do novo debate sobre as heterogeneidades culturais e sociais e sobre as articulações entre tradição e modernidade pois, trata da peculiaridade sociocultural da América Latina.

Quando estão na cidade, os jovens parecem acostumados ao estilo de vida citadino e alguns se comportam como os jovens locais, bebendo, arrumando briga e, eventualmente, sendo fichados na delegacia do município. Segundo o Dr. Adriano Cavalheri, delegado de polícia, os problemas causados pelos índios são brigas e bagunças por causa da bebida. Porém, explicou, as situações em que se envolvem são contornadas pela autoridade policial e pelas lideranças que ajudam a apurar os fatos.

Faz pouco tempo que eu assumi esta delegacia, antes eu era plantonista da favela Naval de Diadema. Os únicos problemas que

⁷⁰ Guillermo Bonfil Batalla, *México Profundo: una civilizacion negada*, México, Ed. Grijalbo, 1989.

eu registrei com índios foram brigas por estarem embriagados. Mês passado os Kayabi assassinaram um rapaz negro, essa foi a única vez que houve esse tipo de crime na cidade.⁷¹

Dr. Adriano não precisou o número de ocorrência, apenas informou que a maioria dos delitos é cometida pelos não índios, mas os índios acabam se tornando vítimas do preconceito que os moradores de Canarana externam. Realmente, os únicos delitos são praticados por causa da embriaguez, mas o delegado acredita que tais incidentes acontecem com qualquer pessoa que viva numa cidade.

Iná Ikpeng ⁷² relata sua experiência em Canarana:

Eu tinha uma namorada branca, eu ia sempre com ela na Jiripoka, uma vez que eu tava lá, começou uma briga e eu entrei na briga, eu tava com uma faca na mão, quando a polícia chegou, eu joguei a faca no chão e coloquei meu pé em cima. Dessa vez eu não fui parar na polícia, mas outra vez eu fui parar na polícia por causa de briga.

Em agosto de 2004, alguns jovens Kamaiurá estavam na cidade para carregar a balsa que levaria material para uma construção na aldeia. Em conversa com eles, ficou evidente que a ida para Canarana representa o divertimento fácil e acesso às bebidas. Quando indagados sobre o que gostariam de fazer na cidade, a resposta foi unânime: "a gente gosta de vir

⁷¹ Dr. Adriano Cavalheri, entrevista realizada no dia 29 de agosto de 2004.

⁷² Iná estava na cidade acompanhando um parente hospitalizado, em janeiro de 2004.

para a cidade para poder dançar lá no forró". Perguntei: "por que vocês não vão hoje?". Responderam: "porque hoje a gente tá sem dinheiro e meu pai não deu dinheiro para a gente".

Dessas visitas à cidade e idas a prostíbulos, seguindo informações do agente de saúde Trauin Kamaiurá, já apareceram dois casos de DSTs na aldeia. Mas ele acha difícil que esse número aumente pois, dos rapazes que vão à cidade, nem todos têm dinheiro para pagar o programa. Trauin disse que já explicou várias vezes que é importante o uso de preservativos, mas eles ainda não se deram conta do perigo que enfrentam.

É assim que os jovens do sexo masculino sentem especial atração por um contato mais íntimo e curioso com as coisas de um mundo que está a algumas horas da aldeia. As visitas a Canarana parecem ser algo plenamente integrado às perspectivas quotidianas e à expectativa de vida dos jovens xinguanos.

Os rapazes acham que Canarana é boa para passear, fazer compras, jogar futebol e tomar cerveja; são unânimes em dizer que o melhor lugar para se morar é a aldeia, porque lá têm família, casa, amigos e comida. A cidade, com todos os atrativos, só desperta interesse nos rapazes se eles tiverem dinheiro, caso contrário, torna-se monótona e insípida.

A ida dos jovens a Canarana não tem regularidade, e o motivo das visitas é, na maioria das vezes, acompanhar parentes. Alguns levam artesanato para vender e acabam por gastar o dinheiro em bebidas e com garotas de programa. Na época das chuvas (meados de outubro a meados de abril) é mais difícil encontrá-los na cidade porque as vias de acesso ficam intransitáveis. Na

época da seca (meados de maio até meados de setembro), a circulação de índios é maior.

Há, ainda, quatro kamaiurá (das aldeias de Ipavu e Morená) que se mudaram para lá, porque exercem atividade ligada à saúde indígena ou no Centro de Cultura. Pablo Kamaiurá (aldeia de Morená), assistente administrativo da Casa de Saúde, mora com mulher e filhos. Indagado sobre Canarana, pondera:

A gente está aqui de teimoso, é porque Canarana é uma cidade que oferece uma estrutura maior do que cidades como Querência, Gaúcha do Norte.

Arautará (aldeia de Ipavú) trabalha na Associação Indígena Mavutsinin - convênio com a FUNASA - e passa um tempo em Canarana e outro na aldeia. Amanuá mora na cidade desde criança e é ex-vereador de Gaúcha de Norte: "Aqui o pessoal não gosta de índio, eles têm raiva da gente"⁷³. E Ianaculá Rodarte reside há 10 anos em Canarana: "eu sinto e vejo aquele olhar de discriminação".

Canarana, sendo o portal de entrada para o mundo branco, representa o primeiro contato com o capitalismo e tudo que este traz consigo; sem falar nas questões subjetivas, como a geração de sentidos e a assimilação de signos estranhos ao imaginário indígena.

Mesmo procurando manter a tradição, novas atitudes são percebidas na crescente necessidade de consumir produtos que não fazem parte da

⁷³ Entrevista realizada com Amanuá Kamaiurá no Hotel 2 irmãos no dia 2 de agosto de 2004.

cultura tradicional, mas estão paulatinamente sendo incorporados à rotina da aldeia. Vejamos alguns exemplos:

Muito antigamente, para transportar água e preparar alimentos eram utilizados utensílios de barro; desde a época do Orlando Villas Boas, as mulheres usam panelas de alumínio no preparo de alimentos e transporte de água. Também não é mais necessário buscar água na lagoa, pois a aldeia possui um poço e caixa d'água, e atrás das casas há torneiras.

A energia elétrica proveniente de um pequeno gerador é recente (de dez a doze anos atrás), e todas as casas fazem uso dela. Por volta das 20:00 h, quando é ligada, todos, em especial crianças e jovens, correm para a frente da TV.

Os Kamaiurá como um todo vão, ainda que de forma tímida, em direção à modernidade; os jovens assumem comportamentos da cidade e aspiram o desenvolvimento proporcionado por ela. Os mais velhos já conhecem as vantagens do trator, do motor de popa e outros instrumentos de trabalhos vindos de fora e buscam harmonizar novas aquisições às suas tradições.

Para obter dinheiro de modo mais regular, os Kamaiurá planejam implantar um Projeto de Ecoturismo, que aguarda autorização da FUNAI. Com isso pretendem atender demandas da comunidade e adquirir panelas de alumínio, óleo para o motor de barco e o gerador da aldeia, dinheiro para a manutenção de motores, caminhões e televisores.

O projeto de Ecoturismo vai ser bom para nós, porque a gente precisa de coisas do branco, antigamente a gente não precisava, meu pai cortava cipó com dente de piranha e isso demorava muito.

A gente quer cobrar dos turistas porque já veio um monte de alemão, e outro alemão, e outro, tira foto, faz filmagem, vende tudo, ganha muito dinheiro com o índio, e não dá nada para o índio. Agora o turista pode vir, mas vai ter que pagar para visitar a aldeia.⁷⁴

Junto às novas necessidades de consumo, persistem as práticas de troca de dádiva que ainda desempenham papel relevante na vida da aldeia, sustentam relações sociais e ganhou complexidade com a incorporação dos produtos industrializados.

A dádiva representa uma seguridade básica à comunidade⁷⁵, por realimentar os vínculos sociais e atenuar oposições latentes. Ela permeia toda a sociedade e se manifesta em vários níveis que vão desde a troca de convites, gentilezas, circulação de presentes e alimentos entre os moradores da aldeia. Em julho de 2005, observamos a redistribuição dos presentes que levamos: os vestidos dados a algumas mulheres estavam em poucas horas sendo usados por parentes e amigas. A uma boa pescaria segue-se rotineiramente a ida e vinda de meninos portando pencas de peixes ofertados a moradores de outras casas. Ou ainda o convite para que venham se fartar do suculento pirão de peixe com pimenta na casa do doador. Frutas como mamão e banana são trazidas da Fazenda Gaúcha, núcleo de casas localizadas do outro lado da lagoa, circulam pela aldeia, juntamente com os cobiçados feixes de cana de açúcar. Muitas vezes é possível observar que, ao retorno de uma viagem a Canarana, muitas casas recebem sacos com pão francês, refrigerantes e outras guloseimas. Esse vai-e-vem de

⁷⁴ Takumã Kamaiurá – pajé e cacique da Aldeia kamaiurá de Ipavu, durante reunião para definir o projeto de ecoturismo

⁷⁵ Guillermo Bonfil Batalla, *México Profundo: una civilización negada*, México, Ed. Grijalbo, 1989 p. 57.

bens tanto pode representar uma gentileza como a redistribuição de presentes passados. Nessas circunstâncias, estamos diante do que Sahlins (1965 p.139-227) chamou de reciprocidade generalizada, prática de circulação de bens que denota grande solidariedade e não acarreta, explicitamente, a expectativa de retribuição imediata.

Num plano mais formal, cabe aos líderes e chefes da aldeia a obrigação de distribuir presentes que recebem de visitantes, geralmente bens industrializados, sejam eles solicitados ou não por moradores da aldeia. É neste ato que reside a medida da sua generosidade, valor cultivado por todos os que almejam posição de maior reconhecimento social. A prática desta modalidade de dádiva pode ser claramente observada na aldeia de Ipavu, em especial quando da realização das cerimônias, como a do Kwarup, Jawari e Iamirukumã, que atraem visitantes e pesquisadores, todos dispostos a estreitar vínculos de amizade com líderes e chefes, ofertando-lhes equipamento de pesca, artigo eletro-eletrônicos, miçangas de porcelana etc.

O fluxo de mercadorias industrializadas, que se origina tanto das aquisições feitas pelos Kamaiurá em suas visitas a Canarana como dos presentes recebidos dos visitantes, interfere na troca tradicional de bens realizada entre os povos alto-xinguanos. Em tempos mais recuados, cada povo participava do ritual do moitará trazendo para as transações principalmente artigos de sua própria especialidade. Dos Waurá vinham as panelas de cerâmica, dos Kuikuro e Kalapalo, os colares e cintos de concha e caramujo, dos Kamaiurá o arco de seção quadrangular feito de pau d'arco (Oberg, 1953 p.41-43, Galvão, 1978 p.24-25, Junqueira, 1978 p.62-70).

Paulatinamente, produtos industrializados passaram a ocupar lugar importante nas trocas entre aldeias, estimulando, num certo sentido, uma outra dinâmica nas trocas. Junqueira (2004) sintetiza as práticas desses novos tempos. Lembra que na década de 1970, os Kamaiurá diziam que os colares de caramujo, por exemplo, tinham, no Alto Xingu, maior importância que o dinheiro. Chegavam a afirmar que o dinheiro não tinha valor de troca no mato, entre as aldeias, mas apenas na cidade. Nos anos de 1960, a autora revela que não havia no Alto Xingu uma unidade padrão passível de expressar o valor dos bens trocados no moitará mas prevalecia um sistema de equivalência baseado numa hierarquia de níveis:

Cada nível limitava e determinava os bens permutáveis entre si, de tal forma que um artigo, digamos, de nível mais alto não encontrava equivalência com objeto de nível inferior. Todas as trocas externas tendiam a ser realizadas entre bens da mesma categoria.⁷⁶

Gradativamente, porém, a moeda começou a ganhar espaço nas transações e hoje é fundamental para a obtenção dos bens industrializados que se tornaram necessários, embora sua circulação na aldeia seja muito restrita.

Atualmente, os Kamaiurá declaram que para obter uma panela de cerâmica Waurá devem dar em troca duas bicicletas ou mesmo pagar em dinheiro. De um modo geral, a prática da troca entre aldeias de bens tradicionais tende a diminuir, tornando mais frágil a união alto xinguana, à medida que uma maior aproximação com o mercado capitalista se consolida (Junqueira:2004 p.214).

⁷⁶ “Dinâmica Cultural” in *Revista de Estudos e Pesquisa* V.1 N° 1, Brasília, CGDOC FUNAI, 2004, p.213.

Em agosto de 2004, por ocasião do Kwarup, fizemos um levantamento da quantidade de dinheiro que entrou na aldeia. Como o jornalista Roberto Marinho era homenageado, foi grande o número de jornalistas, autoridades e convidados. Pela realização da cerimônia, os Kamaiurá pediram à família do homenageado um trator.

Quadro 1 - Valores recebidos durante o Kwarup/ 2004⁷⁷

PROCEDÊNCIA	VALOR
Filmagem comercial para a justiça eleitoral	R\$ 2.000,00
Turistas	R\$ 3.000,00
Pesquisador	R\$ 1.000,00 (500,00 dinheiro e 500,00 para pagamento da Central).
Amigo	R\$ 1.000,00, mais 2.000,00 Euros assim que chegar na França.
Amiga que trabalha na Petrobrás (financia o Projeto da roça)	R\$ 1.800,00
Soma total	R\$ 8.300,00

No momento de nossa pesquisa, o montante de dinheiro na aldeia também sofreu incremento, devido ao financiamento de um projeto da Associação

⁷⁷ Parte desses valores foi dado em dinheiro para o cacique da aldeia e parte depositado na conta que a Associação Indígena Mavutsinin mantém no Banco do Brasil. Tais recursos seriam destinados à manutenção dos equipamentos da comunidade, compra de combustível, custeio de viagens e aquisição de presentes que entrariam na circulação de bens.

Mavutsinin, da venda de artesanato, recursos obtidos junto à FUNAI, e particularmente pelo salário mensal de onze pessoas da aldeia, funcionários da FUNAI, agentes de saúde que trabalham para a FUNASA e professores e merendeiras da Escola Mawaiaka, que recebem pela prefeitura de Gaúcha do Norte).

Quadro 2 - Salários⁷⁸

Cargo exercido	Salário anual
Dois professores	R\$ 8.640,00
Duas merendeiras	R\$ 8.640,00
Cinco Agentes Indígenas	R\$ 21.600,00
Dois Funcionários do Posto Indígena Leonardo	R\$ 25.200,00
30 jovens que participam do Projeto "Awawo Jamena Ko", o salário de cada um é R\$ 50,00	R\$ 18.000,00
Valor total	R\$ 89.280,00

⁷⁸ Esses recursos são de uso individual e, geralmente, destinados a compras em Canarana.

O ambiente seguro da aldeia⁷⁹

Diante desse contexto cultural mais complexo, algumas atitudes indicam que uns poucos jovens passam por um processo de transição, indefinição, por um momento de mudança. É uma passagem delicada na qual mostram-se entediados, permanecendo muitas horas na rede, ouvindo música, levantando-se apenas no fim da tarde para o tradicional jogo de futebol no centro da aldeia⁸⁰.

Para apreender o processo, que chamamos de transição, identificamos o montante de jovens residentes na aldeia Kamaiurá de Ipavu, com base na "Lista Geral dos Moradores da Aldeia Kamaiurá", organizada por Heloísa Pagliaro da EPM (Escola Paulista de Medicina) no ano de 2003 (inédito).

Atualmente, a população Kamaiurá da aldeia de Ipavu é de 260 pessoas⁸¹, e conta com sessenta e quatro jovens (trinta e quatro moças e trinta rapazes) com idade entre quinze e vinte e cinco anos. Desse levantamento, selecionamos aleatoriamente vinte e seis pessoas (quatorze moças e doze rapazes) distribuídos por todas as casas, para verificar de forma mais sistemática a interferência que as idas a Canarana têm sobre eles.

Perguntados se caso tivessem muito dinheiro trocariam a vida da aldeia pela cidade, todos responderam negativamente. Disseram que continuariam morando na aldeia e iriam com mais frequência à cidade para passear .

Das moças entrevistadas, apenas três nunca foram para Canarana, mas imaginam como é a cidade pelo que vêem na televisão e pelo que as amigas que já

⁷⁹ Giddens identifica "contextos localizadores de confiança" que existem no mundo por ele denominado, pré-moderno e que engloba parentesco, trama de relações comunitárias, cosmogonia e tradição (1991 p.103-104).

⁸⁰ Para um relato atual de como o novo e o tradicional se misturam no cotidiano da aldeia, ver Carmen Junqueira "Dinâmica Cultural" in Revista de Estudos e Pesquisas V1 Nº1, Brasília, CGDOC FUNAI, 2004 p.215.

⁸¹ Fonte: Agente indígena de saúde Trauin Kamaiurá.

foram contam. Têm vontade de conhecer para passear e comprar vestido. As moças foram em situações diversas à cidade: as mais novas, acompanhando os pais, outras, o marido, e algumas acompanham os filhos doentes que necessitam de tratamento médico na Casa de Saúde Tuiuiú.

Para muitos dos jovens (moças e rapazes), Canarana não é a única cidade que conhecem. Lugares como: São Paulo, Brasília, Goiânia, Rio de Janeiro, e exterior fazem parte do rol de localidades visitadas. Em 1999, acompanhados por um funcionário da FUNAI e uma pessoa da UNB (Universidade de Brasília) alguns Kamaiurá, jovens e adultos, viajaram para o Marrocos. As moças contaram que adoraram a viagem e andaram de camelo. Mas nenhuma delas demonstrou interesse em morar na cidade. Várias vezes indagadas sobre onde é melhor morar aldeia ou cidade, as respostas foram muito semelhantes; lugar bom para morar é a aldeia porque temos nossa casa, família, e comida; já a cidade é muito difícil a vida, precisa-se dinheiro para tudo, para tomar água, para tomar refrigerante. Mesmo se tivessem dinheiro para morar na cidade, a aldeia ainda é vista como o melhor lugar para morar. "A cidade é boa para a gente passear, fazer compras, para morar é só a aldeia"⁸²

Como o foco dessa pesquisa são os jovens, achamos importante verificar se a prática da reclusão pubertária, instituição tradicional de grande relevância para marcar a passagem da infância para a vida adulta, vigorava nos mesmos moldes de tempos passados. Para isso, fizemos levantamento de quantos jovens tinham passado pela reclusão e qual o tempo da sua duração. Entrevistamos pais e filhos, buscando verificar se atribuíam à reclusão destaque no desenvolvimento

⁸² Pará, agente indígena de saúde, 19 anos.

físico e social da pessoa, além de cumprir a função relativa à transmissão de conhecimentos.

A reclusão, tanto masculina quanto feminina, marca um período no qual o jovem é submetido a regras e tabus e faz parte de um complexo de procedimentos importantes para a integração das pessoas na sociedade.

Há uma fase que poderia ser denominada de pré-reclusão quando o jovem é preparado e constantemente lembrado pelo pai sobre o sentido da reclusão e o comportamento que se espera dele. É a partir dessa etapa da vida que a personalidade é construída e o jovem se prepara para ser um bom lutador de huka-huka, e ganhar prestígio e reconhecimento social.

A integração do menino na vida adulta é precedida de uma cerimônia chamada "Nami", na qual os meninos são submetidos à furação da orelha⁸³, e segundo Basso (1973 p.65-70) é a primeira medida formal para diferenciar os meninos das meninas.

Não tivemos oportunidade de assistir à festa de furação de orelha, entretanto há um vídeo produzido e dirigido pelo jornalista Washington Novaes que descreve a cerimônia:

No dia da festa, forma-se uma fila com os "padrinhos" em pé atrás dos meninos que furarão a orelha. As mães colocam uma esteira no chão com ervas que os meninos devem pisar e algodão. Elas passam o algodão pelo corpo do garoto para tirar as impurezas e, em seguida, homens passam o rabo de sucuri para lhes dar força e coragem. Os homens que vão furar as orelhas se postam diante dos

⁸³ Kalervo Oberg. *Indians Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil*. Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, Publication N°15, United States Government Printing Office, Washington, 1953, p.64 observou que quando os meninos tinham entre oito e nove anos, furava-se o lóbulo das orelhas com dente de peixe cachorra. Um pequeno pedaço de madeira era colocado no buraco até a cicatrização, após isso brincos de pena podiam ser usados.

meninos que estão sentados no colo de seus "padrinhos". Feito o furo o "padrinho" diz o nome de adulto ao seu "afilhado" e em seguida os meninos sobem nas costas dos "padrinhos" e são levados para a casa onde ficarão reclusos, não podendo tocar o chão pois estão puros. Deitam-se na rede e devem passar quatros dias sem falar e sem comer, só ingerindo ervas levadas pelos "padrinhos". No quinto dia, quando termina a reclusão, começam a comer beiju, e somente depois de um mês podem voltar a comer peixe.

A reclusão masculina tem início com a chegada de sinais da puberdade, ficando a critério dos pais a determinação do tempo da reclusão. Os sinais que definem o início desse período são: a mudança na voz e crescimento dos órgãos genitais. O período de reclusão pode durar até quatro anos com interrupções de três a sete meses. Os propósitos principais da reclusão envolvem o desenvolvimento dos jovens, a capacitação para que se tornem grandes lutadores de huka-huka e o aprendizado do artesanato⁸⁴. Durante o período eles são submetidos à escarificação e ingestão de raízes⁸⁵ para engordar e fortalecer o físico. A alimentação é controlada e em algumas etapas ocorre a proibição de alguns alimentos como peixe assado, permitindo-se apenas a ingestão de cauim. Nesse período, as regras devem ser seguidas à risca, não sendo permitido a uma mulher menstruada se aproximar ou tocar na comida do recluso; é vedado a ele a ingestão de doce e pimenta, e o peixe deve ser apenas cozido.

⁸⁴ Oberg relata que durante a reclusão os meninos eram ensinados sobre mitos e história dos feitos de homens importantes no passado, além de como tocar flautas, como fazer arcos e flechas de melhor qualidade e, eventualmente para alguns, crenças religiosas e praticas espirituais (1948 p.65).

⁸⁵ Alguns exemplos de raízes ingeridas: Kumanaum (só os homens utilizam essa raiz, para ficar forte, bonito e bom lutador), Lepotisin (boa para ficar forte, é indicada também para destroncamento e torções), Porwoin (serve para a falta de apetite do recluso), Wyarupu (serve para mulheres e homens magros que não conseguem engordar na época da reclusão), Yepoan (engorda a pessoa que está muito fraca, também é passada na pele após a escarificação), Amuniyw e Tiranu (usadas como cicatrizantes), Moitesen (pode ser passada na pele como cicatrizante, para ficar forte e para quando se quer engordar), Timon (utilizado quando o recluso está muito cansado depois de ter lutado huka-huka), Morototoup (utilizada para curar a tontura do preso) e Morototouvi (usada junto com a Morototoup para tontura) (Tavares:1994 p.88-90).

Em nosso levantamento, verificamos que a reclusão continua ocorrendo, embora com variações em sua duração: antigamente o tempo era superior a dois anos, hoje não ultrapassa um ano. Os rapazes com idade superior a vinte e cinco anos relatam que ficaram reclusos por três anos ou mais, enquanto os jovens da faixa de idade entrevistada (de quinze a vinte e cinco anos) ficaram em média um ano⁸⁶.

Na reclusão alternam-se as fases de ingestão de remédios e as fases de aprendizado; em ambas, o recluso deve seguir regras de abstenção e prescrições. Tavares (1994 p.145) apresenta um quadro-resumo delas.

ÉPOCA DE INGESTÃO DE RAÍZES	Reclusão severa; abstenção total de alimentos exceto mingauzinho de mandioca	Inatividade total
ÉPOCA PÓS INGESTÃO DE RAÍZES	Continua em reclusão severa, mas pode alimentar-se com peixe cozido, beiju, mingauzinho e pássaro assado	Atividade intensa - Aprendizado (material e cultural)

A ingestão das raízes, pode provocar intoxicação, causando graves problemas de saúde e até mesmo morte. No ano de 2002 faleceu um rapaz durante a reclusão, e por se tratar de um caso recente e do jovem ser filho do cacique, a comunidade revela ainda hoje sinais de apreensão em relação à ingestão do remédio de raízes.

⁸⁶ A reclusão também acontece quando nascem filhos. No nascimento do primeiro deles o pai deve passar o tempo que agüentar deitado na rede sem se alimentar; nos próximos filhos fica recluso por cerca de dois meses. Entrevistamos um rapaz que se encontrava recluso por causa do nascimento do segundo filho, passava o tempo todo na rede, não saía de casa para tomar banho e sua alimentação era basicamente beiju e peixe cozido.

Há informações de que essa não foi a primeira vez que ocorreu desastre semelhante. Dos pais entrevistados, nenhum soube dizer ao certo o porquê das mortes, embora muitas histórias sejam construídas, com base na crença da feitiçaria. Outras explicações apontam o descuido dos familiares com pequenos detalhes da vida doméstica, como tomar erradamente a raiz, mulher menstruada se aproximar dos reclusos, jovem ir ao mato para satisfazer as necessidades fisiológicas sem estar acompanhado de algum familiar.

Alguns pais se dizem receosos em colocar os filhos reclusos com medo de paralisia e atrofia dos membros superiores e inferiores ou da morte provocada pela ingestão de raízes. Dos rapazes entrevistados, quatro não ficaram reclusos; dois são irmãos do rapaz que faleceu em 2002, cujo pai temendo que o fato pudesse ocorrer novamente achou mais seguro não colocar os filhos presos. O pai dos dois outros rapazes também não quis colocar os filhos presos pela mesma razão.

Não há forma de se ter segurança sobre esses eventos, segundo Oberg, já em 1948 era difícil manter os meninos em reclusão e alguns pais eram negligentes em impor as regras pubertárias (p.65).

Diante dessa resposta indagamos se não é na reclusão que o jovem recebe ensinamento sobre a cultura Kamaiurá e aprende fazer artesanato? E se ele não ficar preso como vai aprender tocar flautas?

Como resposta afirmaram que os pais podem ensinar seus filhos sobre cultura Kamaiurá sem que o jovem precise estar recluso; ele pode pedir ao pai ou a um parente próximo que o ensine.

Mesmo com receio, os pais acham que é um momento importante na vida do rapaz, onde ele se preparará para tornar-se adulto e para ser um bom lutador de huka-huka.

Dos rapazes entrevistados, um deles, Luciel, está recluso há um ano, deve sair em meados de setembro quando acaba a época das festas. Durante esse período, teve dormência e atrofia nos braços, mãos e pernas, precisando ser alimentado na boca pelos familiares; tomou muito remédio (Koan) para retomar os movimentos. Após o susto, quis continuar recluso, mas parou de tomar raízes. Disse ter gostado de ficar preso, pois aprendeu a fazer muitas coisas. Nos dias em que antecedem o Kwarup⁸⁷ costuma sair sai por algumas horas para treinar huka-huka no centro da aldeia.

Num estudo realizado por Pinto e Baruzzi, com dados do período 1978-1985, a população do Alto Xingu tinha quatrocentos e setenta jovens entre onze e vinte anos, duzentos e quarenta e dois eram do sexo masculino. Desse total, cento e trinta e três ficaram em reclusão pelo menos uma vez, e suas idades eram de treze a vinte anos, embora a maioria tivesse entre treze e dezessete anos. Vinte e quatro jovens desenvolveram sintomas de intoxicação, sete deles morreram e dezessete apresentaram neuropatia periférica. Esse estudo mostrou que a morte associada com a reclusão masculina resulta do uso de plantas em infusões e unguentos durante o processo de purificação (1991 p.821-825).

As meninas entram em reclusão após a primeira menstruação permanecendo deitada na rede até que cesse o fluxo menstrual, quando têm início a fase de ingestão de remédios. A reclusão dura em média um ano ininterrupto; até o sexto mês as meninas ingerem os remédios que deverão

⁸⁷ Esse ano haverá Kwarup nas aldeias Kuikuro, Kalapalo e Waurá.

deixá-las fortes e gordas. O restante do tempo é dividido entre aprendizado e escarificações. Ao contrário dos meninos, as meninas ficam sedentárias, não desenvolvendo nenhum tipo de atividade física. Mesmo atividades como o banho são feitas dentro de casa, no local onde ela se encontra reclusa. As saídas são restritas e ela só pode ir ao mato se estiver acompanhada de sua mãe, avó, tia ou irmã mais velha. Eventualmente, quando da aproximação do Kwarup, elas podem sair para dançar Uruá por algumas horas, à tarde (Foto 14). O fim da reclusão é um momento de grande alegria para os familiares e a partir de então a jovem pode se casar.



Foto 14 - Menina reclusa saindo para dançar Takwara

Das moças entrevistadas, todas ficaram reclusas pelo menos um ano, com exceção de duas irmãs que permaneceram apenas quatro meses, pois achavam tedioso ficar presa sem sair de casa. Seus pais informaram que não poderiam obrigá-las a permanecer mais tempo presas. Quando indagamos sobre como iriam aprender a fazer artesanato, responderam que elas poderiam pedir para que algum parente as ensinasse; de fato isso ocorreu, uma delas é boa tecelã de esteiras, e pediu para a tia lhe ensinar.

Em julho de 2005 havia duas garotas reclusas: Karina e Iraia. Conversamos com os pais, e eles acham importante esse período na vida, para que elas aprendam cuidar bem do marido e filhos.

Tive a oportunidade de acompanhar detalhadamente a rotina de uma delas, Iraia, pois eu estava hospedada na mesma casa e minha rede era próxima do local da reclusão. Ela está gostando de ficar presa porque já aprendeu a fazer colar e pulseira, a mãe está ensinando; não passa muito tempo sozinha, pois as irmãs mais novas sempre estão junto fazendo-lhe companhia (Foto 15). As regras são seguidas à risca: não entra homem no seu recinto, a alimentação é preparada pelas irmãs ou pela mãe, sem a inclusão de doce, pimenta e peixe assado, mas apenas cozido. Também, se submete a escarificação nas pernas e amarração no joelho, para ficar com a panturrilha gorda .



Foto 15 - Iraia, reclusa

Outra das moças entrevistadas, Akaiajuru, também estava presa, por outro motivo, pois recentemente perdeu o bebê que nasceu morto; ficará reclusa por cerca de três meses e segue dieta alimentar análoga às moças que estão em reclusão pubertária.

Encontramos um caso incomum na aldeia: uma jovem agente indígena de saúde,⁸⁸ de nome Parawara, que há três meses se mudou com a família para a aldeia. É uma moça que adora conversar e falar sobre seu trabalho. Ficou apenas dois meses reclusa, pois ao receber convite para trabalhar no atendimento à saúde, aceitou de imediato. Já viajou para cidades como São Paulo, Brasília, Bertioga. Gostou de conhecer as cidades e passear pelo shopping, mas não gosta de Canarana porque acha muito monótona. Não deixaria a aldeia para morar na cidade, sairia apenas para estudar e tão logo acabasse voltaria para a aldeia.

⁸⁸ No Alto Xingu há apenas três moças agentes indígenas de saúde: na aldeia Kamaiurá, na aldeia Yawalapiti e na aldeia Kalapalo.

Perguntei para outras moças se tinham vontade de trabalhar, todas disseram que não, talvez pelo fato de se mostrarem bem tímidas e não dominarem o português, e a maioria já é casada e tem filhos.

Vê-se que a maioria dos jovens ainda entra em reclusão pubertária mesmo que por período menor ao de antigamente, persistindo sua importância na formação da mulher.

Um outro indicador relevante da integração na vida comunitária dos jovens que se tornaram adultos é a abertura de roças, condição preliminar para que possam se casar. Pois cabe ao homem a abertura e o preparo da roça, de onde provém a mandioca, matéria-prima do beiju, alimento básico da dieta Kamaiurá.

Dos doze rapazes entrevistados, quatro já são casados, têm roça aberta, trabalham e pescam para o sustento da família; quatro são solteiros mas possuem roça; dois de idade entre dezesseis e dezoito anos, ainda não ficaram reclusos; apenas um está recluso, e apenas um não tem planos de abrir roça.

Há alguns anos, os velhos fizeram severas críticas ao comportamento passivo dos jovens que tinham pouca participação na vida da aldeia. Trauin Kamaiurá (agente de saúde), concorda com as queixas dos mais velhos, de que os jovens estavam deixando de lado a tradição:

Tá mudando muita coisa. Você vê os rapazes que estão andando muito de roupa bonita, tênis. Isso eu acho que não tá certo aqui na aldeia. Porque aquele que tá bem bonito, ele não se pinta mais. Eu, eu tô assim (pintado de preto) porque a gente tá de luto. Na hora da festa eu não posso recusar. Eu participo. A gente dança, brinca lá na festa. Eu, na minha opinião, quero viver como meus avôs viviam. Olha, os rapazes que estão aí, eles não sabem mais se pintar, não

sabem onde que é a pesca. Nisso eu concordo com os mais velhos. Então até os mais velhos estão esquecendo também. Eles não sabem tocar flauta, não sabem cantar. Porque eles que começaram deixar as coisas pra trás. Eu mesmo já pedi não sei quantas vezes pro meu pai ensinar eu tocar flauta. Nem pros pequenos ele ensina. Mas ele sabe.

Trauin, quando indagado a respeito da incorporação de produtos industrializados no cotidiano da aldeia, pondera:

Hoje em dia os caraíbas estão deixando muitas coisas para trás também. Tudo tá mudando. Porque na época não tinha banco, não tinha não sei o que, não tinha carro. O cacique mesmo falou ontem duro com o pessoal lá da FUNASA. Eles falavam a respeito da viatura. Quanto é que estão precisando de viaturas para o trabalho, do barco, motor ou carro. Então meu tio falou: "Hoje em dia ninguém quer andar a pé, nem de remo. E nem vocês hoje em dia não andam mais de cavalo, que nem os antigos" Aí todo mundo ficou sem graça. Todo mundo calou a boca.

Pelo que eu tô entendendo hoje em dia as coisas muda tudo. Não tem como a gente voltar lá no fundo, trazer tudo as coisas que nós estamos querendo. Por exemplo, vocês, os brancos: hoje você veste a roupa que o Cabral usava? Não usa mais. Já é tudo outra coisa. Sapato é outro modelo, calça, gravata. A mesma coisa acontece aqui no Xingu: o que antigo usava a gente tá deixando, porque a partir de agora, no meu caso, não sei os outros, estamos bem abraçados pelos caraíbas. Não tem como a gente escapar: "Opa, vou sai daqui e morar ali, quero ficar sossegado, lá no vazio". Não tem jeito, se for

pro outro lugar vai ficar a mesma coisa lá, se eu vou pro outro canto vou ficar a mesma coisa lá.

Numa tentativa de reverter a situação, e por solicitação dos velhos da comunidade, foi implantado na aldeia o Projeto "Awawo Jamena Ko" - "A roça dos jovens", que conta com a participação de trinta jovens (rapazes e moças), que recebem R\$ 50,00 por mês.

O projeto visa melhorar igualmente o consumo alimentar e evitar que imprevistos que por vezes atingem a produção regular, como atrasos ou baixa produtividade, causem fome, piora no nível de saúde, atingindo principalmente crianças e velhos⁸⁹.

A iniciativa é financiada pela Petrobrás, dentro da linha de financiamento de projetos "Fome Zero" e consiste no trabalho em uma roça comunitária que produz, principalmente, mandioca, banana, abacaxi, distribuídos entre os participantes do projeto e também encaminhados à merenda escolar.

A roça do Projeto está localizada do outro lado da lagoa de Ipavu, próximo a um agrupamento de três casas Kamaiurá, com população de trinta e cinco pessoas, chamado pelos índios de Fazenda Gaúcha. Dista duas horas de canoa a remo da aldeia.

Com o dinheiro recebido do Projeto, os jovens costumam comprar mercadorias em Canarana. Geralmente economizam durante quatro meses, o que possibilita a compra de bicicleta e aparelho de som. Em agosto de 2004, quando houve a renovação do Projeto, todos os participantes quiseram bicicletas novas.

⁸⁹ Projeto Awawo Jamena Ko, renovado em 2005.

Existe inquietação dos mais velhos, no sentido de encontrar um meio de manter as tradições, já que percebem a atração dos jovens pela cidade e o relativo descuido com relação a costumes tradicionais. Para tentar minimizar esse hiato de gerações e fazer com que os jovens aprendam e pratiquem os costumes dos antigos foi criada na aldeia a Escola de Cultura Mawaiaka, com o objetivo de estimular os mais jovens a acatar os valores e instituições da cultura Kamaiurá (Fotos 16 e 17)

No nosso costume não tinha caminho, era para eles chegarem no centro e pedir para aprender, como eles não chegaram, usamos a escola da maneira que queremos, para ensinar o costume, a tradição, fazendo tudo como antigamente e as coisas do branco, pra não sermos enganados.⁹⁰



Foto 16 - Escola Mawaiaka

⁹⁰ Fala das lideranças Kamaiurá a respeito da necessidade da Escola de Cultura.



Foto 17 - Escola Mawaiaka

Atualmente, a Escola (Instituição Municipal da prefeitura de Gaúcha do Norte) possui dois professores que atendem quatro turmas (duas no período matutino - uma com jovens alfabetizados e uma com crianças em alfabetização; e duas no período vespertino - uma com crianças em alfabetização e outra com jovens em alfabetização), sessenta e três alunos, duas merendeiras e um coordenador⁹¹.

A maioria dos rapazes entrevistados frequentou a escola por algum tempo, parando apenas na época da seca para abrir e preparar a roça. Como a

⁹¹ Infelizmente não foi possível observar a escola em funcionamento. Praticamente todas as viagens à aldeia ocorreram durante o período de férias escolares.

seca coincide também com a temporada das festas, a interrupção temporária dos estudos visa garantir os treinos de huka-huka e a participação em festas de outras aldeias. Finalmente, deixam de freqüentar as aulas durante a reclusão e quando se casam, para cuidar do sustento da família. O mesmo acontece com as moças, que quando crianças freqüentam esporadicamente as aulas; quando em reclusão interrompem os estudos e param definitivamente quando se casam para cuidar do marido e filhos.

Além da Escola Mawaiaka, há uma outra escola no Posto Indígena Leonardo, coordenada pelo professor Pautu Kamaiurá. Possui trinta e cinco alunos dos quais um total de dez são rapazes Kamaiurá. O ensino vai até a quarta série.

Os dois professores da Escola Mawaiaka recebem salário da prefeitura de Gaúcha do Norte⁹², e SECHHI (2002 p.196) chama a atenção para o ganho de status que os professores indígenas adquirem em função do salário, que também deve interferir na dinâmica das trocas dentro da comunidade. Atentas ao andamento dessa situação as lideranças são enfáticas em afirmar que um professor não tem condições de assumir papel de liderança, que é definido por regras de transmissão tradicionais.⁹³

Os professores da Escola são todos Kamaiurá, formados e capacitados tanto dentro da aldeia como em cursos externos. Da grade curricular constam atividades como canto e dança tradicionais, flautas, histórias orais, aulas de português, matemática, história, geografia, meio ambiente e língua Kamaiurá (Fotos 18 e 19).

⁹² Não são funcionários com carteira assinada, são contratados. Segundo informações coletadas na aldeia em fevereiro de 2005, no primeiro semestre, a Prefeitura pretende realizar um concurso para a efetivação de vinte professores indígenas do Alto Xingu.

⁹³ Conforme Carmen Junqueira “A sedução do poder” in *A tolerância e o intempestivo*, São Paulo, ed. Ateliê Editorial, 2005 p.137-150.



Foto 18 - Escola de Cultura Mawaiaka - Aula de flauta Kurutaí.



Foto 19 - Escola de Cultura Mawaiaka - Aula de canto e dança feminino.

Kotok Kamaiurá, cacique, considera a Escola importante, e explica que a comunidade a denomina "Jemotawa Put", ou seja, "Casa de Aprendizagem", local onde os meninos vão aprender coisas novas. O local próprio da manutenção da tradição é o centro do pátio da aldeia (Okawytet) e a Casa dos Homens (Tapyyj), onde ocorre diariamente a reunião de líderes.

Quando da implantação da Escola em 2001, os jovens mostraram certa resistência, principalmente devido à ordem dos velhos de que deveriam freqüentar as aulas nus e com os corpos pintados de urucum e jenipapo. Por não concordarem com a imposição, se afastaram das aulas. Em janeiro de 2004, os líderes relaxaram a regra e eles voltaram a freqüentar a escola regularmente.

Apesar dos esforços dos mais velhos e do trabalho realizado pela Escola no sentido de resguardar as principais instituições da tradição kamaiurá, a rebeldia de alguns adolescentes, alunos da Escola Mawaiaka, é visível nas considerações que fazem sobre o que acham importante para a vida: ter televisão, vídeo cassete e bicicleta. Justificam-se dizendo que tudo isso significa aprender mais sobre a cultura do branco e não serem mais enganados por eles. Desejam fazer dessas conquistas uma arma de defesa, ao mesmo tempo em que satisfazem sua enorme curiosidade acerca das inúmeras invenções do mundo dos brancos.

Os rapazes que exercem, na aldeia, atividade de professor ou agente de saúde têm planos diferentes para o futuro. Matariwá, ex-aluno do Curso de Formação de Professores do Instituto Socioambiental⁹⁴ e que dá aulas de alfabetização na aldeia, pretende cursar Faculdade de Antropologia. Trauin e

⁹⁴ O Projeto de Formação de Professores do Instituto Socioambiental tem como objetivo formar professores indígenas dos quatorze povos existentes no Parque Indígena do Xingu para atuarem como educadores e autores de materiais didáticos destinados aos alunos das vinte e oito escolas do Parque.

Parawará, agentes de saúde, querem fazer curso técnico de auxiliar de enfermagem.

De modo geral, os jovens acreditam que mesmo num futuro distante sempre existirá a aldeia, como eles a conhecem hoje, limpa, bonita e com muitas roças. Desejam transmitir para seus filhos e netos os mitos, as histórias e a arte de tocar flautas.

Mesmo com as andanças e passeios a Canarana, observa-se que são fortes as amarras que ligam o jovem à vida da aldeia, que repousa sobre pilares culturais próprios. Em julho acompanhamos por duas vezes a Festa da Takwara e mesmo os rapazes que sentem maior fascínio pela cidade participaram, lindamente ornados, tocando as longas flautas por horas a fio (Fotos 20 e 21). Um detalhe sugestivo é que as flautas foram confeccionadas com tubos de PVC que, segundo os tocadores, eram mais leves que as similares de taquara. Do instrumento original restava o bocal feito de taquara. "Essas flautas cansam menos e o som é semelhante às antigas", afirmavam.



Foto 20 - Festa Takwara



Foto 21 - Festa Takwara

Em julho de 2005, acompanhamos os preparativos para as cerimônias que deveriam acontecer no decorrer de julho e agosto. Diariamente o pátio da aldeia era ocupado por rapazes treinando huka-huka e moças ensaiando canto, danças e lutas para a Festa das Mulheres (lamurikumã) (Foto 22 e 23), não sem antes se submeterem ao ritual das escarificações e assegurar um corpo sempre forte e saudável.



Foto 22 - Moças dançando Iamurikumã



Foto 23 - Moças dançando Iamurikumã

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, investigamos a frequência das visitas dos jovens Kamaiurá a Canarana, com o objetivo de analisar quais mudanças os afetam ao ficarem expostos aos estímulos característicos da vida na cidade. Procuramos mostrar como reagem, organizam e reconciliam, na aldeia, informações, valores e bens adquiridos nessas viagens. Entrevistamos jovens e seus respectivos pais com o propósito de averiguar o comprometimento da nova geração com as instituições tradicionais, além de registrar o diálogo estabelecido entre costumes antigos e atuais.

No capítulo um, fizemos uma revisão dos fatos ligados à colonização do estado de Mato Grosso e dos fluxos migratórios, da criação do Parque Nacional do Xingu e, especificamente, da formação da cidade de Canarana.

No capítulo dois, apresentamos dados relativos às populações indígenas em Canarana para concentrar nossa pesquisa na presença Kamaiurá. Verificou-se que os moradores da cidade alimentam um claro preconceito em relação aos índios que de, um modo geral, são discriminados.

No capítulo três, organizamos um breve relato do cotidiano da vida na aldeia, tecendo comparações sobre a relação cidade X aldeia e seus efeitos na vida Kamaiurá.

A ida dos jovens Kamaiurá a Canarana não tem regularidade, porém estima-se que viajem pelo menos uma vez por mês. Devido aos altos custos,

acumulam demandas que só podem ser resolvidas na cidade, tais como reparo de motores, compras de artigos de pesca, vestuário etc.

Embora os deslocamentos para Canarana sejam freqüentes, moças e rapazes são unânimes em afirmar que a cidade é boa apenas para compras e passeios. Verifica-se que, da parte dos jovens, não há o desejo de trocar a segurança da vida na aldeia pela cidade, pois na aldeia têm casa, amigos e comida. Ao contrário, em Canarana, necessitam de dinheiro para sobreviver e se divertir.

Na cidade aparentam estar acostumados ao estilo de vida urbana e alguns acabam se comportando como os jovens locais, freqüentando bares, prostíbulos, boates e mesmo se envolvendo em brigas. Muitos adquirem hábitos urbanos, predileção por uso de roupas da moda e gosto por televisão, filmadoras e Discman. Mas eles sentem também o preconceito, nem sempre velado, dos não índios. Suas relações deixam de ser frias apenas quando se envolvem em transações comerciais nas lojas de artigos baratos, supermercados e hotéis populares. Tudo indica que a discriminação que sofrem impede a criação de vínculos sociais mais estreitos com os moradores de Canarana e os empurra de volta à comunidade onde encontram acolhida na extensa rede de parentesco que ordena as relações, e o espaço de que necessitam para se projetarem como pessoas. Por isso mesmo costumam repetir que a cidade é boa apenas quando se tem dinheiro para gastar.

Apesar da atração que esses rapazes sentem pelo movimento da cidade, eles não se afastam do estilo de vida Kamaiurá, respeitando suas instituições tradicionais. É o caso da reclusão pubertária, fase que marca a passagem da infância para a vida adulta, período no qual são transmitidos os conhecimentos tradicionais. A reclusão continua ocorrendo regularmente entre os jovens, moças

e rapazes, embora haja variação na sua duração: antigamente era superior a três anos, atualmente não ultrapassa um ano.

Em relação aos jovens do sexo masculino, o plantio de roça constitui um aspecto importante para a inserção na vida social. Ao verificar quantos possuem roça aberta, a intenção foi analisar a sua integração na vida comunitária, e o cumprimento de um requisito básico para que possam casar. Verificou-se que a maioria possui roça, e aqueles que ainda não ficaram reclusos têm a intenção de abri-las.

O cuidado com o corpo, adornos, pinturas e a prática regular das escarificações também constituem indicadores importantes dos elos culturais que ligam o jovem à vida da aldeia. Rapazes e moças se submetem a escarificações seguros de que assim podem garantir um corpo forte e saudável. Adornos e pinturas corporais são valorizados pela beleza e perfeição dos traços e usados regularmente nas festas.

Alguns rapazes fazem o corte do cabelo que conjuga o tradicional, com a presença da franja mas cortando a parte de trás ao estilo do "branco". Gostam do estilo da cidade ao mesmo tempo que de algum modo preservam a aparência alto-xinguana. As moças usam cabelo longo com franja repetindo o padrão próprio das mulheres, embora incorporando, por vezes, elásticos, fivelas etc.

Em julho de 2005, observamos que mesmo os rapazes que sentem maior fascínio pela cidade estavam adornados tocando flautas por horas a fio. Também era possível observar o pátio da aldeia ocupado por rapazes treinando huka-huka e moças ensaiando canto, danças e luta para a Festa das Mulheres (Iamurikumã).

As moças seguem com mais atenção os comportamentos ditados pela comunidade: trabalho na roça, processamento da mandioca colhida (descascar,

ralar e tirar o sumo venenoso), preparo do beiju e cuidado com filhos são repetidos rotineiramente ao lado das mulheres mais velhas.

A televisão, que exhibe o mundo da cidade do mesmo modo que Canarana, constitui-se num forte apelo ao consumo das novidades. Roupas, carros, motos, formas de divertimento e sonhos de uma vida alegre e cheia de conforto atraem os jovens. Acreditamos que devido à pequena experiência que têm com a leitura e a escrita e, igualmente, a falta de acesso a uma boa leitura, não permite a eles uma avaliação crítica e tampouco a relativização das mensagens vindas do ideário urbano destinado às massas.

Apenas os dois rapazes e a moça que desempenham papel na escolarização e na saúde almejam prosseguir seus estudos a fim de ampliar seus conhecimentos e assim ajudar de modo mais eficaz a comunidade. Por outro lado os poucos rapazes que mais se entusiasmam com as agitações da cidade são, praticamente, iletrados. Frequentam a escola, mas sem regularidade e entusiasmo.

Mas é importante registrar que, mesmo com as viagens a Canarana, persiste entre todos eles, rapazes e moças, a crença no papel importante que os espíritos (mama'e) e outras entidades da natureza têm sobre o destino e a conduta Kamaiurá. Em 2005 foi dado um alerta para que eles parassem de fumar pois, diziam os mais velhos, "os mama'e estavam descontentes com a quantidade de cigarro que estavam fumando". Houve uma redução significativa do consumo de cigarros industrializados, embora por pouco tempo.

A autoridade dos mais velhos é evidente em todos os setores da vida na aldeia, embora em diferentes ocasiões revele-se, igualmente, a rebeldia dos jovens, principalmente em Canarana quando, contrariando conselhos dos idosos, eles bebem, brigam e eventualmente fumam maconha.

É possível afirmar que a vida na aldeia segue um ritmo semelhante ao de algumas décadas passadas, apesar da introdução de alguns hábitos próprios da cidade. A maior facilidade para as viagens a Canarana responde por essa gradual alteração no comportamento dos jovens. Entretanto, o fato dos índios terem assegurado o controle sobre seu vasto território, gozarem de autonomia relativa na gestão dos negócios da aldeia, talvez garanta uma transição suave em direção à modernidade. Nesse sentido, o papel desempenhado pelos mais velhos e também pelas mulheres, representa uma força conservadora destacada, bem mais presente que os anseios inovadores dos jovens. Pode-se prever que, não ocorrendo alteração significativa na correlação dessas forças, os Kamaiurá possam continuar a acomodar as mudanças sem correr o risco de sofrer uma desorganização irreversível no seu modo de vida.

Mas para que essa previsão se concretize, é preciso que a Escola Mawaiaka amplie seus objetivos e se constitua num núcleo dinâmico de irradiação da ciência e das artes, fazendo do conhecimento um aliado eficaz na decifração dos novos tempos e na escolha de caminhos futuros que não neguem a generosidade e a igualdade social que até hoje são a base da vida comunitária.

VÍDEOS

Xingu - Direção e Apresentação Washington Novaes, distribuído por Intervídeo e Manchete Vídeo.

Pioneiros da Amazônia - Produzido por Norberto Schwantes, acervo familiar, doado pela sra. Gertrude Schwantes.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

(Pesquisados no Arquivo Nacional - Brasília)

- Cartas datadas da década de 1940, entre o presidente da Fundação Brasil Central e os governadores de Minas Gerais, Mato Grosso.
- Cartas datadas da década de 1960 entre o Presidente da República e o presidente do INCRA.
- Cartas datadas da década de 1960 entre o Presidente da República e o presidente da Fundação Brasil Central
- Projeto Vale dos sonhos e Garapú, proposto pela Fundação Brasil Central.
- Levantamento Geo-econômico da região abrangida pela rodovia pioneira Aragarças-Xavantina-Serra do Cachimbo. Fundação Brasil Central, 1965.
- Fundação Brasil Central, seus objetivos, suas idealizações. Por Arthur Hehl Neiva, Secretário da Fundação Brasil Central.
- SUDECO - Relatório sobre a Fundação Brasil Central, escrito por Francisco Alves de Freitas, novembro de 1979.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Bruce e RAMOS, Alcida Ramos. (org). *Pacificando o branco: Cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo, Ed. Unesp, 2003.

AGOSTINHO, Pedro. *Kwarup, mito e ritual no Alto Xingu*. São Paulo. Ed. EPU, 1974.

ARRUDA, Rinaldo. "Índios e Antropologia: reflexões sobre cultura, etnicidade e situação de contato", In *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia* vol. 15, 1999.

_____. *Os Rikbaktsa - Mudança e tradição*, Tese de Doutorado apresentada a PUC-SP, São Paulo, 1992.

BALANDIER, Georges. *A desordem: Elogio do movimento*, tradução Suzana Martins. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1997.

_____. *As Dinâmica Sociais: sentido e poder*, tradução de Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza, São Paulo, Ed. Difel, 1976.

BASSO, Ellen. *The Kalapalo Indians of Central Brazil*. Nova York. Holt, Rinehart and Wintson, 1973.

BASTOS, Rafael José de Menezes. *A musicológica Kamayurá - Para uma Antropologia da comunicação no Alto Xingu*. Florianópolis, Ed. UFSC, 1999.

BATALLA, Guillermo Bonfill. *México Profundo - Una civilización negada*. México, Ed. Grijalbo, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*, tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar editores, 2004.

_____. *Modernidade Líquida*, tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Zahar editores, 2001.

DAVIS, Shelton. *Vitimas do milagre - O desenvolvimento e os índios no Brasil*, tradução Jorge Alexandre Faure Pontual. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1978.

DIAS, Elisia Aparecida e BORTONCELLO, Odila. *Resgate histórico do município de Sorriso*. Sorriso, S/ ED/, 2003.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*, tradução Sonia Pereira da Silva. Portugal, Ed. Edições 70, 1991.

DUNCK, Ernesto. *Canarana, um projeto de colonização cooperativista*, Dissertação de Mestrado apresentada à UFG, Goiânia, Dezembro, 1997.

EMPAER, *Estudo da realidade municipal: município de Canarana, região Barra do Garças*. Canarana, 2000.

FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael. *Os povos do Alto Xingu - História e cultura*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2001.

GALVÃO, Eduardo. "Apontamentos sobre os índios Kamaiurá", in GALVÃO, Eduardo, *Encontro de Sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*, tradução Raul Fiker. São Paulo, Ed. Unesp, 1991.

GODELIER, Maurice. *O enigma do dom*, tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 2001.

IANNI, Otavio. *Colonização e Contra reforma agrária na Amazônia*. Rio de Janeiro, Ed. Petrópolis Vozes, 1979.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Diagnóstico Socioambiental da Região dos formadores do Xingu*. São Paulo, 2001.

_____. *Livro das águas - índios do Xingu*. São Paulo, abril, 2002.

JUNQUEIRA, Carmen. *A circulação de bens na sociedade Kamaiurá*. São Paulo, MIMEO, 1966.

_____. "A guerra e a dádiva", in *Revista Margem* N° 14, São Paulo, Ed. EDUC, 2001.

_____. "Análise da fertilidade Kamaiurá", Mimeo.

_____. "Antropologia Indígena: Uma introdução". São Paulo, Ed. EDUC, 1999.

_____. "Antropologia fora da universidade", in *Sociedade, cultura e política: ensaios críticos*, orgs. Ana Amélia da Silva, Miguel Chaia. São Paulo, Educ, 2004.

_____. "A sedução do poder", in *A tolerância e o intempestivo*, Orgs. Edson Passetti e Salete Oliveira. São Paulo, Ed. Ateliê Editorial, 2005.

_____. "Doenças do espírito". in *Estudos de Sociologia*. Araraquara, Ed. Laboratório Editorial, UNESP Araraquara, 2001.

_____. "Dinâmica Cultural", in *Revista de Estudos e Pesquisa* V.1 N° 1, Brasília, CGDOC FUNAI, 2004.

_____, e MINDLIN, Betty. "Índias e antropólogas", in *Revista de Estudos Avançados* n° 17, São Paulo, 2003.

_____. *Os índios de Ipavu*. São Paulo, Ed. Àtica, 1978.

_____. *Os kamaiurá e o Parque Nacional do Xingu*. Tese de Doutorado, Unicamp, Rio Claro, 1967.

_____. "O mundo invisível", in *Revista Margem*, São Paulo, Ed. EDUC, 1999.

_____. "Pajés e Feiticeiros", in *Revista de Estudos Avançados* V.18 Nº 52, São Paulo, IEA USP, 2004.

_____ e BARUZZI, Roberto (orgs). *Parque Indígena do Xingu - Saúde, Cultura e História*, São Paulo, Ed. Terra Virgem, 2005.

_____. *Probléms et politiques indigenistes au Brésil: L'exemple du parc National du Xingu*. Copenhagem/Geneva, AMAZIND/IWGIA documente, 1973.

_____. "O poder do mito", in *HYPNOS*, Nº 6, São Paulo, Ed. EDUC, 2000.

_____. *Sexo e Desigualdade entre os Kamaiurá e os Cinta Larga*. São Paulo, Ed. Olho d'água, 2002.

MARTINS, José de Souza. *Expropriação e violência: a questão política no campo*. São Paulo, Ed. Hucitec, 1980.

MEIRELES, Silo. *Brasil Central - notas e impressões*. Rio de Janeiro, Editora Biblioteca do Exército, 1960.

MENEZES, Maria Lúcia Pires. *Parque Indígena do Xingu: A construção de um território estatal*. Campinas, ED. UNICAMP, 2000.

MINDLIN, Betty. *Os Suruí da Rondônia*, Tese de Doutorado apresentada à PUC - SP, 1984.

MOTA, Lucio. *As cidades e os povos indígenas, mitologias e visões*. Maringá, Ed. UEM, 2000.

OBBERG, Kalervo. *Indians Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil*. Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, Publication N°15, United States Government Printing Office, Washington, 1953.

OLIVEIRA, João Pacheco. "Viagens de ida, de volta e outras viagens: Os movimentos migratórios e a sociedades indígenas", in *Travessia Revista do Migrante*, Publicação do CEM - Ano IX, número 24, 1996.

PATRÍCIO, Marlinda Mello. *Índios de Verdade. O caso dos Xipaia e Curuaia em Altamira - Pará*, Dissertação de Mestrado apresentada à UFPA, Belém - PA, 2000.

PAGLIARO, Heloísa. *Lista Geral dos Moradores das Aldeias Kamaiurá - PIX*, inédito, 2003.

PENTEADO, Vera Coelho (org). *Karl Von den Steinen: um século de Antropologia no Xingu*. São Paulo. Edusp, 1993.

PINTO, Nicanor e BARUZZI, Roberto. "Male Pubertal Seclusion and Risk of Death in Indians from Alto Xingu, Central Brazil", in *Human Biology*, December 1991, Vol. 3, N° 6, 1991.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo brasileiro, a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

SAHLINS, Marshall. "On the Sociology of Primitive Exchange", *In The Relevance of Models for Social Anthropology*, A.S.A Monographs 1, London: Tavistock Publications; New York: Frederick A. Praeger, Publishers, 1965.

SAMAIN, Etienne. *De um caminho para outro - Mitos e aspectos da realidade social nos índios Kamayurá (Alto Xingu)*. Vol I e II. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1980.

_____. *Moronetá Kamayurá - Mitos e Aspectos da Realidade Social*. Rio de Janeiro, Ed. Lidador, 1991.

SEKI, Lucy. *A gramática do Kamayurá*. Campinas, Ed. Unicamp, 2000.

SCHWANTES, Norberto. *Uma cruz em Terranova*, São Paulo, Ed. Scritta, 1998.

SANCHES, Rosely Alves. *Situação das áreas naturais e desmatamentos na região dos formadores do Rio Xingu, Mato Grosso, Brasil*, Instituto Sociambiental, São Paulo, 2002.

SANTOS, José Vicente Tavares. *Matuchos: exclusão e luta. Do sul para a Amazônia*. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1993.

_____. "Os retornados: gaúchos que voltaram da Amazônia", in *Travessia - Revista do Migrante*, publicação do CEM, Ano VII, numero 19, maio - agosto 1994.

SECCHI, Darcy. *Professor indígena: A formação docente como estratégia de controle da educação escolar em Mato Grosso*, Tese de Doutorado apresentada à PUC - SP, São Paulo, 2002.

SOUZA, Sérgio. "A epopéia dos Irmãos Villas Boas", in VILLAS BOAS, O. *A marcha para o oeste - a epopéia da Expedição Roncador - Xingu*, Ed. Globo, Rio de Janeiro, 1994.

STEINEN, Karl von den. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Tradução Egon Schaden, Separata numerada da revista do arquivo N° XXXIV a LVIII, Departamento de Cultura, São Paulo, 1940.

TAVARES, Sérgio Correa. *A reclusão pubertária no Kamayurá de Ipawu - um enfoque biocultural*, Dissertação de mestrado apresentada a UNICAMP, Campinas, 1994.

TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum*, tradução Denise Bottmann e Eleonora Bottmann, São Paulo, Ed. Papyrus, 1966.

VIERTLER, Renate Brigitte. *Os Kamayurá e o Alto Xingu*. São Paulo. Ed. IEB - Edusp, 1969.

VILLAS BOAS, Orlando. *A arte dos pajés*. Rio de Janeiro, Ed. Globo, 2000.

_____. *A marcha para o oeste: A epopéia da expedição Roncador-Xingu*. Rio de Janeiro, Ed. Globo, 1994.

_____. *Xingu, os índios, seus mitos*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1970.

VITTI, Vaneska Taciana. *Como se organizam os planos celestial, terrestre e inferior, segundo a mitologia Kamaiurá*. Trabalho de conclusão de curso, PUC-SP, 2002.